

VITOR NUNO NEVES FERREIRA DOS ANJOS

PERCEÇÃO DO FUNCIONAMENTO FAMILIAR E DO SUPORTE SOCIAL EM ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR EM PORTUGAL CONTINENTAL



ESCOLA SUPERIOR DE ALTOS ESTUDOS

**Dissertação apresentada ao ISMT para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Clínica Ramo das Terapias Familiares e
Sistémicas**

COIMBRA, 2017



Perceção do funcionamento familiar e do suporte social em estudantes do Ensino Superior em Portugal Continental

Vitor Nuno Neves Ferreira dos Anjos

Dissertação apresentada ao ISMT para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica
Ramo das Terapias Familiares e Sistémicas
Orientadora: Professora Doutora Joana Sequeira

Coimbra, 2017

Agradecimentos

Como sempre e porque estes foram meses de longo trabalho, num caminho que em momento algum foi feito solitariamente, ou não fosse eu da área de psicologia sistémica... são várias as palavras que tenho para com tanta gente!

Os mais sinceros agradecimentos, à minha orientadora, Professora Doutora Joana Sequeira, porque em momento algum me deixou sozinho nas ideias, por me ajudar a dar uma nova visão daquilo que era a minha própria visão, por partilhar o seu saber e por me ajudar a analisar e discutir sistematicamente e sistemicamente os resultados que íamos obtendo ao longo deste processo tão gratificante. Obrigada pela assertividade e bom senso que a caracterizam pois sem eles seria difícil terminar este trabalho. E um especial obrigado porque não é fácil trabalhar com alguém como eu, com horários tão apertados e com uma disponibilidade sempre tão em contrarrelógio.

À minha amiga Margarida Pocinho um imenso obrigada pelo apoio estatístico neste processo, a compreensão e ajuda que sempre me deste ao longo deste trabalho e destes anos em que já nos conhecemos. Obrigado por fazeres parte do meu *peer-group* sempre puxando por mim para conseguir resultados cada vez melhores para a meu próprio crescimento pessoal, e porque em momento algum deixaste de me apoiar e ajudar quer nas palavras quer nas pequenas risadas... uma verdadeira amiga com a imensa generosidade que sempre te caracterizou!

Aos meus pais que sempre em toda a sua vida me deram forças e confiaram nas minhas escolhas, me ajudaram, me ampararam, me criticaram... mas sempre... sempre depositaram um orgulho imenso em mim e nas minhas conquistas.... Fica aqui! Esta dissertação como uma homenagem a vocês mesmos por não me terem destruído os sonhos. Obrigada pela vossa tolerância. Obrigado pelo amor incondicional!

Às minhas “*marias*”, minhas queridas princesas e as minhas amadas sobrinhas. Mariana obrigado por seres quem és! Maria Inês tens uma força incrível, capaz de mover montanhas! Maria Rita, tão pequenina e com tanta auto critica. Adoro o vosso sorriso e um grande obrigado porque sim! Só porque sim... às vezes gosto de agradecer só porque sim. Mas aqui, é apenas porque as palavras para vocês são infinitas, dessa forma vamos dizer só *porque sim*! Amo-vos incondicionalmente.

À Sónia obrigado pelos sorrisos que me fizeste soltar neste ano difícil e preenchido. Sem ti era tudo mais difícil. Obrigado pela compreensão e dedicação! Acima de tudo obrigado

por entenderes que este era um processo que eu tanto queria e que em ti sempre existiu um olhar doce pela amargura de alguns momentos em que me encontrei. És linda!

À equipa da Associação Portuguesa Conversas de Psicologia – A.P.C.D.P.. Com ela dividi muitos momentos de alegria e de conquista, crescemos nesta comunhão de partilha. Bem-haja a todos!

A todos os meus amigos que sempre estiveram do meu lado, sempre acreditaram, sempre apoiaram, sempre ajudaram. Um grande obrigado por tudo! Acima de tudo porque se mostraram realmente amigos.

A todos os que participaram neste trabalho, direta ou indiretamente.

Obrigado por tudo!

“A realidade não suporta o seu reflexo, rejeita-o, só uma outra realidade, qual seja, pode ser colocada no lugar daquela que se quis expressar, e, sendo diferentes entre si, mutuamente se mostram, explicam, enumeram, a realidade como invenção que foi, a invenção como realidade que será.”

(José Saramago)

Resumo

Objetivo: Esta investigação pretende analisar a perceção de funcionamento familiar e a satisfação do suporte social em estudantes do ensino superior em Portugal Continental.

Metodologia: Participaram 516 estudantes a estudar em Aveiro, Coimbra, Leiria e Lisboa, nos cursos de Ciências do Desporto, Enfermagem, Engenharia Mecânica, Gestão, Jornalismo/Comunicação, Medicina e Psicologia com idades compreendidas entre os 17 e os 38 anos de idade. Os instrumentos aplicados foram a *Escala de Avaliação da Flexibilidade e da Coesão Familiar* (FACES-IV), *Escala de Satisfação com o Suporte Social* (ESSS) e o questionário sócio demográfico e de dados complementares.

Resultados: Os participantes avaliaram as suas famílias como equilibradas, apresentando resultados elevados na coesão equilibrada e na flexibilidade equilibrada. Os estudantes referem boa comunicação familiar, mas sentem-se insatisfeitos com as suas famílias. Relativamente à satisfação com o suporte social, estudantes percecionam elevada e média satisfação com o Suporte Social. Os alunos que apresentam perceção mais elevada de suporte social são de Psicologia e Ciências do Deporto e os que apresentam menos satisfação são os de Medicina e os alunos que frequentam o quinto ano. As variáveis associadas ao funcionamento familiar explicaram 49 % da variância do suporte social.

Conclusões: O funcionamento familiar e o suporte social parecem relacionar-se de forma positiva. Este estudo traz contributos para a compreensão do papel da família e do suporte social no processo de adaptação dos jovens ao ensino superior.

Palavras-chave: Funcionamento Familiar, Suporte Social, Estudantes Ensino superior.

Abstract

Objective/Purpose: The aim of this study was to analyse the perception of the family functioning and the satisfaction with the social support in higher education students from mainland Portugal.

Methods: A total of 516 students participated in this research. They studied Sports Sciences, Nursing, Mechanical Engineering, Management, Journalism/Communication, Medicine and Psychology in Aveiro, Coimbra, Leiria and Lisbon. Their ages vary between 17 and 38 years old. The instruments applied were *the Family Adaptability and Cohesion Scale* (FACES-IV), the *Satisfaction with Social Support Scale* (ESSS) and the socio-demographic and complementary data questionnaire.

Results: The participants evaluated their families as balanced, presenting high results in balanced cohesion and in balanced adaptability. The students perceive good family communication and are mostly dissatisfied with their families. Concerning the satisfaction with social support, students perceived high and medium satisfaction with Social Support. The students who presented higher perception of social support study Psychology and Sports Sciences and the students with lower satisfaction study Medicine. Students attending the fifth year perceive lower satisfaction with social support. The variables associated with family functioning explain 49% of the social support variance.

Conclusions: The family functioning and the social support seem to relate positively. This study brings contributes for the comprehension of the family role and social support in the process of adaptation to higher education.

Keywords: Family Functioning, Social Support, Higher Education Students.

Índice

Resumo	vi
Introdução	9
Metodologia	15
Resultados	22
Discussão	33
Conclusões	36
Bibliografia	37
Anexos	42

Introdução

A transição e adaptação ao ensino superior representam, para o jovem adulto, um período de desenvolvimento psicossocial marcado por novas e complexas tarefas e desafios. Esta temática tem despoletado interesse pelo número crescente de jovens que frequentam um curso superior e pelas adaptações individuais, familiares e sociais envolvidas. Perspetiva-se a possibilidade de construção de novos projetos, amizades e relacionamentos e também um acréscimo de responsabilidades, de oportunidades de exploração, experimentação e compromisso, em várias dimensões (Seco, Dias, Pereira, Casimiro, & Custódio, 2007).

Vários têm sido os contributos para a compreensão do processo de adaptação ou ajustamento de jovens adultos ao contexto universitário. O sucesso e a satisfação académica parecem depender da forma e do grau em que tais desafios e exigências são ultrapassados (Chickering & Reisser, 1993; Pascarella & Terenzini, 2005).

Neste processo, a família e o seu funcionamento, bem como a rede social do jovem, são essenciais. O estudo aqui desenvolvido tem como finalidade analisar estas duas dimensões – funcionamento familiar e suporte social em jovens universitários a estudar em Portugal.

Wintre e Yaffe (2000) referem que o apoio emocional da família ou laços afetivos que os estudantes têm com os pais constituem, entre outros fatores, aqueles que podem estar associados à integração na vida universitária. Os mesmos autores observaram que os pais desempenham um papel muito importante na adaptação, mesmo nos casos em que os jovens ainda moravam com as famílias de origem (Wintre & Yaffe, 2000).

A família está em constante transformação e adaptação e não pode ser vista como um sistema estático. São permanentes as mudanças que vão ocorrendo e segundo Relvas (1996) numa “sequência previsível de transformações na organização familiar, em função do cumprimento de tarefas bem definidas. A essa sequência dá-se o nome de *ciclo vital* e essas tarefas caracterizam as suas etapas” (Relvas, 2006, p. 16.).

Segundo a autora (idem) a última das etapas, mais especificamente, a 5ª Etapa, define-se como *família com filhos adultos* que implica a saída destes dando lugar a um novo sistema familiar, caracterizado por um período de grande movimentação familiar (Relvas, 1996). Estas mudanças pressupõem um reajustamento perante as exigências inerentes aos novos contextos

de vida, de modo a assegurar o apoio prestado aos seus membros, fundamental para a sua adaptação e respetivo crescimento.

De acordo com Relvas (1996), quando ocorrem mudanças, esperadas ou não, estas podem implicar um elevado grau de stress e maior probabilidade de disfunção na vida familiar (Relvas, 1996). Porém, a saída dos filhos de casa, para estudarem no ensino superior, constitui uma crise normativa, ou seja, esperada pela família no quadro do seu desenvolvimento normativo. Nesta fase existe uma maior abertura ao exterior e outras pessoas, outros sistemas passam a ser incluídos na família e no contexto de vida do estudante do ensino superior. Referimo-nos à universidade, grupo de pares, novas amizades, novas relações amorosas, outro tipo de serviços, como por exemplo serviços de ação social, associações académicas, etc... (Relvas, 1996). A relação com a família altera-se, deixando muitas vezes de existir o contacto diário, presencial, ou outro qualquer tipo de contacto tão frequente e presencial entre filhos e pais. Nesta etapa a família experiencia mudanças intensas no seu funcionamento.

De entre os diversos modelos compreensivos do funcionamento familiar, o modelo Circumplexo do Sistema Conjugal e Familiar de Olson explica o funcionamento familiar através de duas dimensões coesão e adaptabilidade. A coesão define-se como a ligação emocional que os membros da família têm entre si, está relacionada com os vínculos que estabelecem, inclui os processos de decisão, o tempo que as pessoas passam juntas, os interesses familiares comuns, os limites, as ligações e atividades recreativas. A adaptabilidade define-se pela qualidade na liderança e organização em que os relacionamentos ocorrem de acordo com as regras e compromissos entre os membros (Olson, 2011; Olson, & Gorall, 2006).

Soares, Leandro, Diniz e Guisande (2006) desenvolveram um modelo compreensivo e integrativo designado MMAU (Modelo Multidimensional de Ajustamento de jovens ao contexto Universitário). Este modelo explica como determinados jovens se adaptam às pressões, exigências e desafios da vida universitária, enquanto outros encontram dificuldades nesse mesmo processo, tendo por base fatores de natureza pessoal e contextual nesse ajustamento (Soares et al., 2006). As expectativas de envolvimento académico na entrada para a Universidade constituem um preditor efetivo dos comportamentos e do envolvimento na vida universitária. Também a qualidade do ambiente de aprendizagem pode influenciar os níveis de envolvimento, bem-estar e satisfação.

A autonomia emocional e instrumental no início da vida universitária e o envolvimento na vida académica, revelaram ter um impacto diferencial no bem-estar alcançado (Soares et al., 2006).

Estudos sobre a contribuição da família no processo da adaptação ao ensino superior, apontam para o papel positivo exercido pela família, como processo de desenvolvimento e adaptação do indivíduo. Por sua vez, relações familiares com conflito, a ausência de apoio ou dependência, parecem estar associados a comportamentos de adaptação do estudante e a dificuldades do seu desenvolvimento psicossocial (Mascaranhas, 2012).

Oliva e colaboradores (2008) estudaram a relação entre os acontecimentos de vida stressantes e a adaptação dos adolescentes. Concluíram que os jovens que vivem em agregados familiares que privilegiam a coesão e adaptação familiar, onde se desenvolvem relações com alto apoio emocional na família, obtêm resultados positivos associados à superação e enfrentamento dos novos desafios contextuais da sua vida, nomeadamente, o ajustamento académico (Oliva et al., 2008).

A maioria dos estudos encontrados no contexto universitário centra-se nas questões da vinculação, individuação e do ambiente psicossocial familiar, suporte social. Neste sentido Silva (2003), nos seus estudos sobre o funcionamento familiar (ao nível da vinculação, suporte social e ambiente familiar) desde a infância à vida adulta face aos novos contextos de vida, verificou que no ensino superior, de um modo geral, os estudos sobre os contributos da família indiciam o papel positivo exercido pelos laços afetivos, pela coesão e expressividade, pelo suporte parental e pela facilitação do processo de separação e individuação para o desenvolvimento e integração. Contrariamente, o conflito, a ausência de apoio e a vinculação disfuncional parecem estar associados a comportamentos de inadaptação do jovem adulto e a dificuldades ao nível do seu desenvolvimento psicossocial (Silva & Ferreira, 2009).

Beyers, Goossens, Vansant e Moore (2003) também investigaram o papel da separação psicológica dos jovens em relação aos seus pais na adaptação à universidade. Os resultados obtidos indicaram que a independência em relação aos pais estava associada a sentimentos positivos e era um bom preditor de integração, pelo que a autonomia do jovem facilita a sua adaptação, desde que não esteja associada a conflitos na relação pais-filhos. De acordo com os estudos de Pereira e colaboradores (2007), uma melhor perceção dos jovens acerca do apoio prestado pelos seus pais, está positivamente associada ao seu desenvolvimento, na medida em que sentem a relação entre eles como uma segurança e são pais a quem podem recorrer, sabendo

que os ajudarão perante as dificuldades que possam eventualmente surgir (Pereira, Dotto, & Rosa, 2007; Seco et al., 2007).

A integração universitária é um processo multifacetado que envolve aspetos pessoais e institucionais, sendo uma conjugação entre as expetativas e características dos estudantes e a estrutura e organização da comunidade que compõe a Universidade (Vendramini et al., 2004).

Segundo Dinis (2013), as investigações acerca do processo de adaptação dos alunos universitários remetem para o envolvimento familiar, social e instituição de ensino, em articulação com as características intrapessoais e familiares do jovem estudante e respetivo envolvimento nas atividades académicas e sociais. Segundo a autora, uma fraca qualidade de relações sociais, surge, frequentemente, associada a manifestações físicas e psicológicas negativas, tal como a ansiedade, depressão, solidão e insucesso, pelo que, o suporte social pode funcionar como uma estratégia contra o stresse, sendo este tanto mais eficaz quanto maior a qualidade do suporte social da rede (Dinis, 2013).

Com efeito, um número crescente de investigações tem vindo a sublinhar o pressuposto de que o ambiente formal e informal da instituição, em articulação com as características intrapessoais e familiares do jovem estudante e respetivo envolvimento em atividades académicas e sociais, contribuem para o seu ajustamento ao ensino superior. Esses fatores situam-se, na maior parte das vezes, ao nível institucional (serviços, recursos materiais e sociais,), pessoal (satisfação com a vida em geral, competências pessoais, etc.) e extra-institucional (relações interpessoais). Neste sentido, uma adaptação bem-sucedida do jovem ao novo contexto académico implica a conjugação dinâmica dos fatores referidos (Dinis, 2013).

Tal como fomos apontando, na família de origem do jovem estudante ocorrem mudanças desenvolvimentais próprias desta transição que têm impacto no sistema como um todo e nos seus elementos individualmente, colocando novas exigências (Rios, 2006). Esta nova etapa na vida dos estudantes, carregada de mudança e expetativas, gera uma ansiedade impulsionada pelo desconhecido perante uma realidade carregada de novos significados, que pode gerar sentimentos de apreensão e preocupação.

Num estudo desenvolvido por Rodrigues e colaboradores (2014) com estudantes universitários de medicina, os autores mostram a pertinência da promoção nos estabelecimentos de ensino, de alguma forma de apoio de modo a minimizar situações que possam desencadear maior grau de ansiedade.

Santos e colaboradores (2015) num estudo desenvolvido com 24 estudantes universitários sobre as influências dos seus pares na vida académica, verificaram que, quanto

mais apoiados os estudantes se sentirem, melhor emocionalmente estarão para enfrentar os desafios do ingresso no ensino superior. De modo geral, “os entrevistados afirmaram que os colegas assumem o papel da família em diversas ocasiões, mesmo quando se encontram num contexto de desunião e competição”. Isso ocorre principalmente com aqueles que deixam as famílias de origem para poder ingressar e frequentar um curso universitário” (Santos et al., 2015, p. 8.).

A adaptação à nova realidade é facilitada pelo estabelecimento de relações afetivas saudáveis. Segundo Souza et al (2010) “o apoio social está diretamente relacionado com o suporte emocional e prático, isto é, as relações afetivas, o cuidados e a atenção, tradicionalmente fornecido pela família, que faz o indivíduo sentir-se amado, cuidado e mais seguro o que contribui para a coerência e controle sobre sua vida” (Souza, 2010, p. 4).

Num período marcado pelo afastamento familiar e das relações interpessoais estabelecidas na infância e adolescência, os jovens estudantes adultos buscam o apoio de pessoas que possam ajudá-los neste período de novas experiências, normalmente os colegas de curso, os quais poderão também estar a viver situações semelhantes (Teixeira, Dias, Wottrich, & Oliveira, 2008). Os vínculos afetivos com os colegas são, nestas circunstâncias, essenciais para a adaptação, pois para além do sentimento de pertença a um grupo, as amizades possibilitam a partilha de experiências e o apoio em caso de dificuldades.

Também as relações com os professores, as atividades extra-académicas e o desenvolvimento de estratégias para lidar com a frustração e dificuldades são fatores fundamentais (Dinis, 2013).

Segundo Dinis (2013), o suporte/apoio social (SS) é positivo quando há reciprocidade na ajuda; pode incluir trocas e mudanças entre família e como estas são percecionadas pelo indivíduo. Em geral, pode definir-se como a existência ou disponibilidade de pessoas em quem pode confiar, que se preocupam, que valorizam (Sarason, Levine, Basham, & Sarason, 1983).

O SS percebido está ligado à perceção que o indivíduo tem do suporte social disponível quando dele necessita e diz respeito ao SS que é efetivamente recebido de alguém. Em situações em que as pessoas têm limitações funcionais, o suporte social recebido ou tangível é mais relevante (Maroco, Campos, Bonafé, Vinagre, & Pais-Ribeiro, 2014). O suporte dos pares tem funções emocionais e informativas que podem ser facilmente ativadas e também manter-se ao longo do tempo. No entanto, é bom reconhecer que a presença de uma relação social, seja com pessoas ou com instituições, não é necessariamente um indicador de que a relação é de suporte (Dinis, 2013).

Segundo Pinheiro e Ferreira (2002), os jovens estudantes que percecionam ter ao seu dispor relacionamentos interpessoais com a família, amigos, colegas e parceiros que ajudam efetivamente na resolução de problemas, sentem-se mais orientados para enfrentarem os desafios mostrando uma adaptação mais bem sucedida ao novo contexto académico. Uma pesquisa desenvolvida por Mascaranhas (2012) revelou que a perceção pelo estudante de que seus familiares estão atentos ao seu rendimento académico (notas), acreditam no seu esforço e capacidade pessoal tem um impacto positivo sobre a aprendizagem/rendimento académico. Assim, considera-se fundamental a promoção de programas e projetos académicos associados à consciencialização dos familiares sobre a importância de demonstrarem interesse e apoio ao processo de estudo no contexto académico de seus elementos que estejam matriculados no ensino superior (Mascaranhas, 2012).

Têm sido desenvolvidas pesquisas na identificação de fatores relacionados com a adaptação ao contexto universitário e na sua correlação com os aspetos ligados à retenção ou evasão dos cursos superiores (Pascarella & Terenzini, 2005; Pinheiro & Ferreira, 2002; Ribeiro, 2011; Sarason et al., 1983; Silva, 2003). Estes estudos têm-se debruçado sobre os fatores com responsabilidade na integração social dos alunos universitários, destacando-se o estabelecimento de amizades ou apoio satisfatório de novos colegas, a importância do apoio emocional/afetivo da família e a intervenção da própria universidade, no processo de adaptação ao novo contexto, permitindo-lhes o desenvolvimento de novas habilidades sociais.

No seguimento desta linha de intervenção universitária, importa realçar que as ações desenvolvidas pelos Serviços de Ação Social das Universidades também constituem um suporte importante, através da disponibilização de serviços, nomeadamente os serviços de alojamento, bolsas de estudo, alimentação e gabinetes de apoio, serviços de ação social, entre outros. Por sua vez, o apoio/suporte dos pares de pessoas que estejam a viver, ou já experienciado, situações semelhantes, pode adicionalmente constituir um recurso bastante eficaz para lidar com problemas de adaptação (Pereira et al., 2007).

Dos estudos aqui apresentados, conclui-se que no ensino superior, os jovens estudantes são confrontados com múltiplas exigências e desafios ao nível pessoal, interpessoal e académico, pelo que os recursos sociais, especificamente os de suporte social, são elementos importantes no processo de adaptação bem sucedida e ajudam a promover o desenvolvimento psicossocial. Da rede social faz também parte a família e os trabalhos apresentados demonstram que esta desempenha um papel importante nesse ajustamento, em particular na manutenção da coesão suficiente, propiciadora da autonomia, capacidade de comunicação e adaptabilidade

promovendo as mudanças necessárias à saída de casa e à nova realidade académica, social e pessoal do jovem adulto.

Metodologia

Este estudo tem como objetivo analisar a percepção do funcionamento familiar e do Suporte Social em estudantes do ensino superior em Portugal Continental. Pretende analisar-se de que forma a percepção de funcionamento familiar e suporte social variam em função de variáveis sócio-demográficas, do ano de escolaridade e curso que os participantes frequentam. Os objetivos específicos são:

- 1) Estudar a percepção de funcionamento familiar, especificamente a coesão, flexibilidade, comunicação e satisfação com a família nos alunos universitários, do género feminino e masculino, em distintos anos de escolaridade e em diferentes cursos.
- 2) Estudar a relação entre alunos com ou sem reprovação e percepção de funcionamento familiar.
- 3) Estudar a percepção de suporte social nos diferentes anos de escolaridade, em função do curso e dos alunos com ou sem reprovação escolar.
- 4) Estudar as relações entre percepção do funcionamento familiar e do suporte social.

Este estudo é transversal e descritivo-correlacional, já que visa explorar e determinar a existência de relações entre as variáveis, com vista a descrever essas relações (Fortin, 1999).

Procedimentos

O processo de recolha de dados foi efetuado presencialmente com os participantes que frequentavam o Ensino Superior Português, tendo início em fevereiro de 2016 até maio de 2016. A recolha foi por conveniência e método bola de neve, pessoas conhecidas pediam a outras, que preenchessem os critérios definidos para integrar o estudo. Os questionários de auto-preenchimento, e o preenchimento teve duração aproximada de 10 a 25 minutos por participante.

De acordo com os princípios éticos da investigação em psicologia todos os participantes do estudo foram informados sobre a metodologia e o objetivo da investigação e assinaram um consentimento informado (Anexo 1), tendo sido assegurado o total anonimato e

confidencialidade dos dados recolhidos, bem como a utilização apenas para os fins de investigação aqui expostos: Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica do Instituto Superior Miguel Torga.

Participantes

Como critério de participação neste trabalho definiu-se que seriam indivíduos a frequentar um curso universitário no ensino superior em Portugal Continental. Na Tabela 1 podemos observar a caracterização dos participantes. Participaram um total de 516 sujeitos. Considerando a falta de preenchimento de várias questões das escalas, foram excluídos da investigação 11 participantes, constando no total 505 participantes. Destes 162 (32,1%) do sexo masculino e 343 (67,9%) do sexo feminino têm idades entre 17 e os 38 anos e 54,1% estão no intervalo de idades entre os 17 e 22 anos de idade. Solteiros 498 (98,6%) participantes e apenas 7 (1,4%) são casados.

Encontram-se a frequentar os seguintes os cursos superiores: Medicina - 40 alunos (7,9%), Enfermagem - 77 alunos (15,2%), Psicologia - 131 alunos (25,9%), Engenharia Mecânica - 91 alunos (18,0%) , Ciências do Desporto - 82 alunos (16,2%), Gestão - 31 alunos (6,1%) , Letras (Jornalismo e Comunicação) - 53 alunos (10,5%). Quanto ao ano escolar em que se encontram, 61 alunos estão no 1.ºano (12,1%), 186 alunos no 2.ºano (36,8%), 171 alunos no 3.ºano (33,9%), 38 alunos no 4.ºano (7,5%) e 49 alunos no 5.ºano (9,7%). Na sua maioria, são estudantes que frequentam o ensino público, (433 participantes- 85,7%) e 72 participantes estudam no ensino superior privado (14,3%). Quanto ao aproveitamento escolar académico, 487 alunos (96,4%) não são repetentes e 18 alunos (3,6%) são repetentes.

Tabela 1
Caracterização dos participantes

Características sócio demográficas		<i>n</i>	<i>%</i>
Género	Masculino	162	32,1%
	Feminino	343	67,9%
Idade	17-22	273	54,1%
	23-27	187	37,0%
	28-32	39	7,7%
	33-38	6	1,2%
Estado civil	Solteiro	498	98,6%
	Casado	7	1,4%
Curso	Medicina	40	7,9%
	Enfermagem	77	15,2%
	Psicologia	131	25,9%
	Engenharia Mecânica	91	18,0%
	Desporto	82	16,2%
	Gestão	31	6,1%
	Jornalismo/Comunicação	53	10,5%
Ano	1.º ano	61	12,1%
	2.º ano	186	36,8%
	3.º ano	171	33,9%
	4.º ano	38	7,5%
	5.º ano	49	9,7%
Repetente	Sim	18	3,6%
	Não	487	96,4%
Ensino	Público	433	85,7%
	Privado	72	14,3%

Notas: *n* = número de indivíduos; % = percentagem de participantes

Instrumentos

O protocolo de investigação é composto pela *Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV* (FACES IV) (Anexo 2), na sua versão portuguesa (Sequeira, Cerveira, Silva, Neves, Vicente, Espírito-Santo & Guadalupe, 2015); pela *Escala de Satisfação do Suporte Social* (ESSS) (Ribeiro, 1999) (Anexo3) e pelo questionário de dados sociodemográficos e de dados complementares (Anexo1).

FACES IV. A FACES IV é um instrumento de avaliação que foi desenvolvida por Olson, Gorall e Tiesel, em 2004. Tem como objetivo avaliar a perceção do funcionamento das famílias, nas dimensões da coesão e da adaptabilidade. A FACES IV é composta por seis subescalas: duas escalas equilibradas (Coesão e Flexibilidade) que já existiam nas versões anteriores e quatro novas subescalas desequilibradas (Desmembrada, Caótica, Emaranhada e Rígida).

A FACES IV tem como objetivo avaliar a hipótese de relação curvilínea entre coesão e flexibilidade, prevista pelo Modelo Circumplexo proposto por Olson. Inclui ainda duas subescalas que avaliam a satisfação e a comunicação familiar (Silva, 2015).

A escala global é composta no total por 62 itens. Das 6 subescalas, 2 são equilibradas uma referente à coesão e outra à flexibilidade. Das 4 subescalas desequilibradas, 2 referem-se à coesão desligada/desmembrada, emaranhada e 2 à flexibilidade, caótica e rígida. Cada uma destas subescalas é composta por 7 itens e as escalas da comunicação e satisfação têm 10 itens (Sequeira et al, 2015).

A distribuição dos itens é a seguinte: 1) subescala da Coesão Equilibrada, 1, 7, 13, 19, 25, 31 e 37; 2) subescala da Flexibilidade Equilibrada, 2, 8, 14, 20, 26, 32 e 38; 3) subescala Desmembrada, 3, 9, 15, 21, 27, 33 e 39; 4) subescala Emaranhada, 4, 10, 16, 22, 28, 34 e 40; 5) subescala Rígida, 5, 11, 17, 23, 29, 35 e 41; 6) a subescala Caótica, 6, 12, 18, 24, 30, 36 e 42; a subescala da Comunicação, do 43 ao 52 e na subescala da Satisfação do 53 ao 62.

Resultados baixos nas subescalas equilibradas estão associados a um funcionamento familiar problemático e pontuações altas indicam um funcionamento familiar saudável. Nas subescalas desequilibradas os resultados baixos associam-se a um funcionamento familiar saudável e as pontuações altas um funcionamento familiar problemático (Sequeira et al, 2015).

Na Tabela 2 pode-se ver os valores do *Alfa de Cronbach* para cada subescala obtidos nesta investigação e na validação da FACES IV.

Tabela 2
Consistência Interna FACES IV

Subescalas	<i>Alfa de Cronbach</i>	<i>Alfa de Cronbach</i> (Olson, 2011)
Equilibradas		
Coesão	0,760	0,89
Flexibilidade	0,738	0,84
Desequilibradas		
Desmembrada	0,655	0,87
Emaranhada	0,656	0,77
Rígida	0,596	0,82
Caótica	0,793	0,86
Comunicação	0,915	
Satisfação	0,955	
Total FACES IV	0,816	

Os autores Olson e Gorall (2006) verificaram a existência de seis tipologias familiares: famílias equilibradas, rigidamente coesas, médias, flexivelmente desequilibradas, caoticamente desmembradas e desequilibradas, como se pode ver na Figura 1.

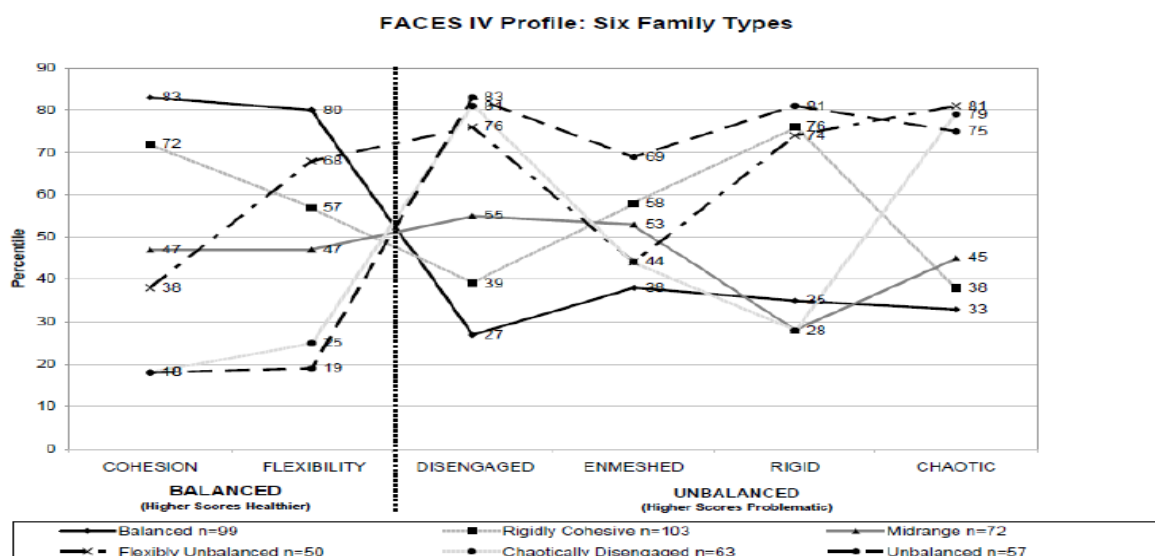


Figura 1. Folha de perfil da FACES IV

Para avaliar o grau de equilíbrio ou desequilíbrio das famílias, na sua coesão e flexibilidade familiar, Olson e Gorall (2006) desenvolveram o rácio da Coesão Equilibrada, da Flexibilidade Equilibrada e o rácio Circumplexo Total. Quanto maiores os valores acima de 1, mais funcional é a família e quanto mais abaixo de 1, menos funcional é a família. Para a Coesão Equilibrada obtém-se o rácio fazendo a divisão da pontuação da subescala da Coesão Equilibrada pela média da soma das pontuações das subescalas Coesão Emaranhada e Coesão Desmembrada. O rácio da Flexibilidade Equilibrada através da divisão da pontuação da subescala da Flexibilidade Equilibrada pela média da soma das pontuações das subescalas Flexibilidade Rígida e Flexibilidade Caótica. O rácio Circumplexo Total é calculado dividindo a média das subescalas Equilibradas (Coesão e Flexibilidade) pela média das pontuações das subescalas Desequilibradas (Emaranhada, Desmembrada, Rígida e Caótica).

Cluster 1. Equilibradas (Balanced) estas famílias são caracterizadas por pontuações mais altas nas subescalas equilibradas (da Coesão e Flexibilidade), e mais baixas nas subescalas de desequilibradas. Os resultados destas combinações traduz uma tipologia familiar com altos níveis de funcionalidade, ou seja, saudável, e baixos níveis de disfuncionalidade ou funcionamento problemático. Desta forma, este tipo de famílias irá, em princípio, lidar bem

com o *stress* promover mudanças associadas aos desafios do ciclo vital da família e é baixa a probabilidade de necessitar de intervenção terapêutica.

Cluster 2. Rigidamente Coesas (Rigidly cohesive) estas famílias são caracterizadas por pontuações altas nas subescalas da Coesão Rígida e Coesão. Nas subescala Emaranhada a pontuação é moderada e baixas pontuações nas subescalas Desmembrada e Caótica. Identificam-se níveis elevados de proximidade emocional e rigidez quanto à estrutura o que tem como consequência baixa capacidade de mudança. Prevê-se que funcionem ajustadamente devido ao grau de proximidade podendo, porém, ter dificuldades em promover mudanças face à rigidez que as caracteriza, podendo ficar ameaçadas face aos desafios normativos do seu desenvolvimento.

Cluster 3. Médias (Midrange) – estas famílias são caracterizadas por uma pontuação média em todas as subescalas, excetuando a subescala rígida onde a pontuação pode atingir extremos opostos, ou seja, tanto pode apresentar níveis muito baixos ou níveis muito elevados. Estas famílias, na sua generalidade, caracterizam-se como tendo um funcionamento adequado, visto não se situarem nos níveis extremos.

Cluster 4. Flexivelmente Desequilibradas (Flexibility Unbalanced) – estas famílias são caracterizadas por pontuações altas em todas as subescalas exceto na subescala da coesão, onde apresentam pontuações médias ou baixas. Estas pontuações parecem indicar um funcionamento problemático. Por sua vez, estas famílias têm a característica de terem pontuações altas na subescala flexibilidade, o que poderá significar que estas famílias conseguem promover mudanças e ajustar-se e potencialmente serem capazes de resolver as suas dificuldades. Estas famílias são as mais difíceis de caracterizar.

Cluster 5. Caoticamente Desligadas (Chaotically Disengaged) – estas famílias são caracterizadas por pontuações baixas nas subescalas rígida e emaranhada e, também, nas subescalas equilibradas da coesão e flexibilidade. Nas subescalas caótica e desmembrada as pontuações são altas. Estas são famílias consideradas como tendo problemas na coesão, em particular, falta de proximidade emocional. São famílias potencialmente problemáticas pelo afastamento relacional e excesso de flexibilidade.

Cluster 6. Desequilibradas (Unbalanced) – estas famílias são caracterizadas por pontuações baixas nas 2 subescalas equilibradas e pontuações altas nas 4 subescalas desequilibradas. Estas famílias são consideradas mais problemáticas e o oposto das famílias equilibradas. São estas as famílias que provavelmente irão necessitar mais de um processo

terapêutico, porque pelo seu funcionamento geral são as que apresentam um quadro mais problemático.

Escala de Satisfação com o Suporte Social (ESSS). A Escala de Satisfação com o Suporte Social (ESSS) é um instrumento desenvolvido por Wethington e Kessler e validado para a população portuguesa por Pais Ribeiro em 1999. Tem como objetivo avaliar o grau de satisfação do sujeito com o seu suporte social relativamente à família, amigos, relações de intimidade e atividades sociais. A ESSS, segundo Siqueira (2008), avalia as necessidades de suporte social, mede o grau de satisfação com o suporte social recebido e o tipo de suporte disponibilizado pelos elementos que integram todas as suas redes sociais.

É uma escala multidimensional, constituída por 15 itens, de resposta tipo *Likert*, com cinco opções. As cinco opções, do questionário são “concordo totalmente”, “concordo na maior parte”, “não concordo nem discordo”, “discordo na maior parte” e “discordo totalmente” Os itens são somados para obtenção de uma pontuação global (Ribeiro, 1999).

A ESSS é composta por 4 dimensões: 1) Satisfação com Amigos (SA) mede a satisfação com as amizades/amigos. Inclui cinco itens (3, 12, 13, 14, 15) e apresenta uma consistência interna de 0,83; 2) Intimidade (IN) - mede a perceção da existência de suporte social íntimo (itens 1, 4, 5, 6) e apresenta uma consistência interna de 0,74. ; 3) Satisfação com a Família (SF) - mede a satisfação com o suporte social familiar (itens 9, 10, 11) apresenta uma consistência interna de 0,74. 4) Atividades Sociais (AS) - mede a satisfação com as Atividades Sociais três (itens 2, 7, 8) e obteve consistência interna de 0,64. A consistência interna considera-se aceitável para valores acima de 0,60 quando o número de itens do fator é baixo (Ribeiro, 1999). Neste estudo realizado a consistência interna é de 0,64, o que está dentro dos valores válidos.

A soma da totalidade dos itens resulta na nota total da escala. A nota de cada fator resulta da soma dos itens que pertencem a cada um dos fatores. Os itens são cotados atribuindo o 1 valor aos itens assinalados com “A” e 5 valores aos itens assinalados com “E”. São exceções os itens invertidos que são os seguintes: 4, 5, 9,10, 11, 12, 13, 14, 15, nos quais 1 valor é atribuído aos itens assinalados com “E” e 5 valores aos itens assinalados com “A” (ver no Anexo 3 a grelha de cotação). A nota total da escala pode variar entre 15 (15×1) e 75 (15×5), sendo que à nota mais elevada corresponde uma maior perceção de suporte social.

A escala foi pontuada partindo da pontuação máxima e foi dividida em três partes, a determinar: alto, médio e baixo suporte social. Alto suporte social (de 51 a 75 pontos), médio suporte social (de 26 a 50 pontos) e, baixo suporte social (até 25 pontos) (Baptista, et al. 2006).

Resultados

Perceção do Funcionamento Familiar

Apresentamos os resultados da perceção que os estudantes universitários têm da sua família quanto à Coesão, Flexibilidade, Comunicação e Satisfação com a Família que correspondem às seis subescalas da FACES IV.

Na Tabela 3 estão representados os resultados obtidos nas subescalas Equilibradas da FACES IV, ou seja, a perceção de funcionalidade, na Coesão e Flexibilidade, sobre a família dos participantes.

Tabela 3
Resultados das subescalas Equilibradas da FACES IV

Subescalas	Nível	<i>n</i> (% válida)	<i>M</i>	<i>DP</i>	Intervalo
Coesão Equilibrada	Algo coesa	131 (25,9%)	59,06	27,24	10 – 99
	Coesa	122 (24,2%)			
	Muito coesa	252 (49,9%)			
	Total	505 (100,0)			
Flexibilidade Equilibrada	Algo flexível	45 (8,9%)	60,58	25,90	10 – 99
	Flexível	192 (24,2%)			
	Muito flexível	252 (49,9%)			
	Total	505 (100,0)			

Notas: *N* = número de participantes; *M* = média; *DP* = desvio padrão, *N* = 505

Analisando a Tabela 3, podemos verificar que relativamente à subescala da Coesão e, tendo em consideração que o intervalo da subescala varia entre 10 e 99, observaram-se resultados altos na subescala Equilibrada ($M = 59,06$), tendo a maioria dos participantes a perceção de que a sua família é muito coesa (49,9%). Na subescala da Flexibilidade, com o mesmo intervalo de variação, 49,9% dos participantes percecionam a família como muito flexível e 24,4% como flexível ($M = 60,58$).

A Tabela 4 sintetiza os resultados das subescalas Desequilibradas da FACES IV.

Tabela 4

Resultados das subescalas Desequilibradas da FACES IV

Subescala	Nível	<i>n</i> (% válida)	<i>M</i>	<i>DP</i>	Intervalo
Desmembrada	Muito baixo	380 (77,9%)	22,45	8,22	26 – 60
	Baixo	96 (19,7%)			
	Moderado	12 (2,5%)			
	Alto	0 (0%)			
	Muito alto	0 (0%)			
	Total	505 (100%)			
Emaranhada	Muito baixo	162 (32,1%)	31,77	9,63	10 – 75
	Baixo	283 (56%)			
	Moderado	48 (9,5%)			
	Alto	12 (2,4%)			
	Muito alto	0 (0%)			
	Total	505 (100%)			
Rígida	Muito baixo	167 (33,1%)	34,20	12,86	10 – 75
	Baixo	235 (46,5%)			
	Moderado	91 (18%)			
	Alto	12 (2,4%)			
	Muito alto	0 (0%)			
	Total	505 (100%)			
Caótica	Muito baixo	282 (55,8%)	28,55	14,90	10 – 75
	Baixo	147 (29,1%)			
	Moderado	60 (11,9%)			
	Alto	16 (3,2%)			
	Muito alto	0 (0%)			
	Total	505 (100%)			

Notas: *N* = número de participantes; *M* = média; *DP* = desvio padrão

Quanto às subescalas Desequilibradas pode verificar-se que na generalidade os valores obtidos são muito baixos ou baixos o que corresponde a uma perceção do funcionamento familiar como saudável. Verificam-se valores muitos baixos nas subescalas Desmembrada e Caótica. Na subescala Desmembrada a média é 22,45 correspondendo a 77,9% dos participantes não havendo participantes que tenham obtido pontuações altas ou muito altas, o mesmo se verificando na subescala Caótica ($M = 28,55$; 55,8%). Os resultados foram baixos nas subescalas Emaranhada ($M = 31,77$; 56%) e Rígida ($M = 34,20$; 46,5%).

Conclui-se que os participantes não percecionam as suas famílias como desmembradas uma vez que nenhum dos participantes perceciona a sua família como sendo muito ou

muitíssimo desmembrada. Dezasseis participantes (3,2%) consideram a sua família caótica, 12 (2,4%) emaranhada e 12 (2,4%) rígida.

Seguidamente apresenta-se na Tabela 5 os resultados relativos aos rácios da Coesão, da Flexibilidade e Total. Os rácios permitem aferir o grau de equilíbrio ou desequilíbrio das famílias, na coesão e flexibilidade. Valores acima de 1, indicam que a família é mais funcional e abaixo de 1 menos funcional.

Tabela 5
Análise dos Rácios da Coesão, Flexibilidade e Total

Rácio	Nível	<i>n</i> (% válida)	<i>M</i>	<i>DP</i>
Coesão	Equilibrado	400 (79,0%)	2,34	1,26
	Desequilibrado	105 (20,8%)		
	Total	505 (100,0%)		
Flexibilidade	Equilibrado	420 (83,2%)	2,11	1,16
	Desequilibrado	85 (16,8%)		
	Total	505 (100,0%)		
Total	Equilibrado	400 (79,0%)	2,22	1,08
	Desequilibrado	105 (20,8%)		
	Total	505 (100,0)		

Notas: *N* = número de participantes; *M* = média; *DP* = desvio padrão

Os resultados obtidos revelam que 400 participantes apresentam um rácio equilibrado na subescala da coesão ($M = 2,34$), 420 apresentam um rácio equilibrado na subescala da flexibilidade ($M = 2,11$) e 400 no rácio total ($M = 2,22$). É possível concluir, à semelhança dos resultados anteriores, que a maioria dos estudantes universitários percecionam o funcionamento familiar como funcional. Porém cerca de 105 sujeitos percecionam a sua família como desequilibrada na coesão 85 na flexibilidade e 105 na dimensão global. Foram analisadas as distribuições destes rácios em função do sexo, ensino, ano, alunos com e sem reprovação e residência, contudo não encontrámos nenhuma regularidade e associação entre as variáveis (Anexo 4).

A Figura 2 representa o resultado do cluster em que os participantes deste estudo se encontram, calculado através dos resultados obtidos nos rácios, onde se pode verificar que se enquadram no Cluster 1 – famílias Equilibradas (Olson & Gorall, 2006).

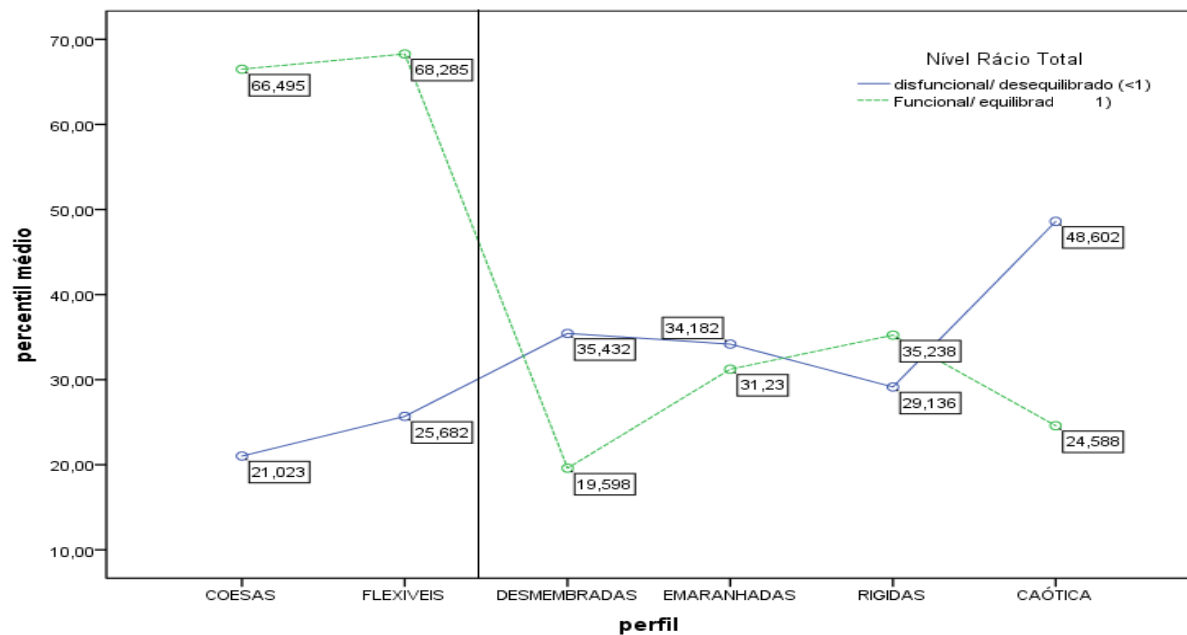


Figura 2. Perfil dos participantes – resultados FACES IV.

Na Tabela 6 apresentam-se os resultados obtidos relativamente às subescalas da Comunicação e da Satisfação Familiar em função do ano de escolaridade em que se encontram no ensino superior.

Tabela 6
Comunicação e Satisfação familiar em função do ano de frequência ensino superior

	Ano	M	DP	F (4, 501)	p	η^2
Comunicação (%)						
(valores normativos:	1º	64,57	26,45	0,202	0,937	0,002
[10-20] muito baixa;	2º	63,34	26,54			
[21-35] Baixa;	3º	64,91	26,34			
[36-60] moderada;	4º	61,58	25,65			
[61-85] alta;	5º	62,00	24,69			
[86-99] muito alta)	Total	63,76	26,14			
Satisfação (%)						
(valores normativos:	1º	26,85	18,62	0,263	0,902	0,002
[10-20] muito baixa;	2º	25,85	18,97			
[21-35] Baixa;	3º	27,30	19,38			
[36-60] moderada;	4º	28,24	20,44			
[61-85] alta;	5º	25,65	17,89			
[86-99] muito alta)	Total	26,62	19,02			

Notas: M = média; DP = desvio padrão; F= Anova; p = nível de significância; η^2 = ETA.

Na globalidade, os estudantes percecionam a Comunicação Familiar como sendo boa, com valores médios semelhantes entre os anos de escolaridade, pontuado todos os grupos na categoria alta ($M_{total} = 63,76$; $DP = 26,14$). Quanto aos valores obtidos entre os anos de

frequência académica os participantes revelam uma percepção de baixa Satisfação com a Família ($M_{total} = 26,62$; $DP = 19,02$). Não foram observadas diferenças significativas na percepção que os estudantes dos diversos anos de frequência universitária têm sobre a comunicação e satisfação com a sua família.

Fomos estudar a percepção dos estudantes do seu funcionamento familiar em função do sexo (Anexo 5); ano de escolaridade (Anexo 6); alunos com e sem reprovação (Anexos 7 e 8), curso (Anexo 9), tipo de ensino (Anexo 10). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos em nenhuma das variáveis. No entanto, os alunos do curso de medicina apresentam resultados muito baixos (48%) e baixos (20%) quando são questionados sobre o nível de Satisfação com a Família (Anexo 9).

Satisfação com o Suporte Social

Apresentamos os resultados da Satisfação com o Suporte Social (SSS) que os estudantes do ensino superior têm quanto à Satisfação com Amigos (SA); Satisfação com Intimidade (SI); Satisfação com a Família (SF); e Satisfação com Atividades Sociais (AS) correspondentes às quatro subescalas da ESSS.

Na Tabela 7 estão representados os resultados obtidos nas subescalas da ESSS, ou seja, a percepção da satisfação do suporte social dos participantes.

Tabela 7
Satisfação com o Suporte Social (ESSS)

	Valores referência de ESSS	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i> (4, 501)	<i>p</i>	η^2
Satisfação com amigos	alto [51-75] médio [26-50] baixo [0-25]	44,29	13,75	0,875	0,479	0,007
Satisfação com Intimidade	alto [51-75] médio [26-50] baixo [0-25]	64,34	8,41	0,876	0,478	0,007
Satisfação com a família	alto [51-75] médio [26-50] baixo [0-25]	40,88	14,18	0,258	0,905	0,003
Satisfação com Atividades Sociais	alto [51-75] médio [26-50] baixo [0-25]	70,82	16,97	0,665	0,617	0,005
Total - Satisfação. Suporte Social	alto [51-75] médio [26-50] baixo [0-25]	52,62	10,45	0,956	0,432	0,008

Notas: *M* = média; *DP* = desvio padrão; *F* = Anova; *p* = nível de significância; η^2 = ETA.

Os estudantes percecionam elevada Satisfação com o Suporte Social ($M = 52,62$; $DP = 10,45$). Para isso, as dimensões que mais contribuem são as Atividades Sociais ($M = 70,82$; $DP = 16,97$) e a Intimidade ($M = 64,34$; $DP = 8,41$). Obtiveram-se valores de nível médio relativamente à Satisfação com Amigos ($M = 44,29$; $DP = 13,75$), o mesmo se verificando na Satisfação com a Família ($M = 40,83$; $DP = 14,18$).

Os valores mais baixos são registados na Satisfação com a Família (SF) e na Satisfação com Amigos (SA) e os valores mais altos são na Satisfação com a Intimidade (SI) e na Satisfação com Atividades Sociais (AS).

Na SF os sujeitos do sexo masculino apresentam os resultados mais baixos de suporte social, embora ainda situados na categoria média, ($M = 40,05$; $DP = 14,37$), tal como no sexo feminino ($M = 41,27$; $DP = 14,10$). O mesmo acontece com o SA (sujeitos do sexo masculino $M = 43,88$; $DP = 14,70$ e sexo feminino, $M = 44,48$; $DP = 13,30$).

Não foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre os sexos com exceção da Satisfação com Intimidade (SI) ($p = ,056$), que podem ser consideradas tendencialmente significativas, contudo em termos práticos os valores não mudam de patamar de satisfação mantendo-se entre rapazes ($M = 51,92$; $DP = 10,86$) e raparigas ($M = 52,95$; $DP = 10,26$) o mesmo grau de satisfação alto como se pode ver na Tabela 8.

Tabela 8
Resultados da ESSS por sexos

	<i>Masculino</i>		<i>Feminino</i>		<i>t</i>	<i>p</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>		
Satisfação com amigos	43,88	14,70	44,48	13,30	0,458	,647
Satisfação com Intimidade	63,30	8,63	64,83	8,27	-1,914	,056
Satisfação com a família	40,05	14,37	41,27	14,10	0,806	,421
Satisfação com Atividades Sociais	69,73	16,90	71,33	17,00	0,987	,324
Total - Satisfação. Suporte Social	51,92	10,86	52,95	10,26	1,033	,302

Notas: *M* = média; *DP* = desvio padrão; *t* = teste *t* de Student; *p* = nível de significância;

Os valores mais baixos são registados na Satisfação com a Família (SF) e na Satisfação com Amigos (SA), mas sublinha-se que ainda assim se encontram num nível médio. Os valores mais altos são na Satisfação com a Intimidade (SI) e na Satisfação com Atividades Sociais (AS), situados num nível alto.

Na Tabela 9, referente aos valores totais, os estudantes do 1º, 2º, 3º e 4ºano de escolaridade percecionam a SSS como sendo alta, com valores médios semelhantes, pontuando todos os grupos na categoria alto [51-75]. Os alunos do 5ºano têm uma perceção média da SSS ($M = 50,72$; $DP = 10,22$). Os resultados mostram que em todas as subescalas os alunos menos satisfeitos são os do 5º ano.

Tabela 9
Resultados da ESSS por ano de frequência universitária

	Ano	M	DP
Satisfação com amigos	1ºano	47,02	13,71
	2ºano	43,72	14,00
	3ºano	44,47	13,51
	4ºano	44,00	13,38
	5ºano	42,58	13,97
Satisfação com Intimidade	1ºano	64,59	7,97
	2ºano	64,22	8,58
	3ºano	64,24	8,26
	4ºano	66,45	7,70
	5ºano	63,13	9,32
Satisfação com família	1ºano	40,77	14,07
	2ºano	40,61	14,45
	3ºano	41,73	14,06
	4ºano	39,79	13,71
	5ºano	39,64	14,65
Atividades sociais	1ºano	70,49	17,19
	2ºano	70,93	17,38
	3ºano	70,96	16,88
	4ºano	73,86	16,21
	5ºano	67,92	16,19
Satisfação com Suporte Social	1ºano	53,95	10,66
	2ºano	52,04	10,68
	3ºano	53,08	10,29
	4ºano	53,65	10,01
	5ºano	50,72	10,22

Notas: Ano = ano de frequência do ensino superior; M = média; DP = desvio padrão

Na globalidade, os estudantes dos vários cursos percecionam a satisfação com o suporte social como sendo alta, com valores médios semelhantes entre os cursos em todas as subescalas, pontuando todos os grupos na categoria alto [51-75].

Apesar de não haver diferenças significativas, os resultados mostram que em todas as subescalas os alunos menos satisfeitos são os de Medicina e em todas as dimensões, menos na

SF, onde os alunos de História apresentam os valores mais baixos. Os mais satisfeitos são os de Desporto e Psicologia como se pode ver na Tabela 10.

Tabela 10

Resultados da ESSS por curso de frequência universitária

Curso		SA	IN	SF	AS	SSS
Medicina	M	43,18	62,95	40,22	68,55	51,08
	DP	13,90	9,28	14,90	16,18	10,32
Enfermagem	M	44,00	64,22	39,89	70,39	52,20
	DP	14,00	7,99	14,38	17,18	10,75
Psicologia	M	44,76	64,89	40,93	71,55	53,22
	DP	13,78	8,56	14,11	17,26	10,31
Eng. Mecânica	M	44,40	64,01	41,20	70,04	52,40
	DP	14,15	8,307	14,82	16,96	10,66
Desporto	M	44,44	64,45	42,22	71,06	53,09
	DP	14,10	8,61	14,19	17,28	10,62
Gestão	M	43,48	65,16	41,94	73,33	53,03
	DP	14,26	8,11	13,11	16,69	10,95
História	M	44,38	64,06	39,38	70,82	52,43
	DP	12,29	8,32	13,71	16,81	10,01

Notas: M = média; DP = desvio padrão; SA= satisfação com amigos; SI= satisfação com intimidade; SF= satisfação com a família; AS= satisfação com atividades sociais; SSS= total satisfação suporte social.

Na Tabela 11 podemos ver os resultados da ESSS comparando alunos com e sem reprovações. Não há diferenças significativas, com exceção da AS que podem ser consideradas tendencialmente significativas ($p=0,57$). Contudo, é interessante verificar que em termos globais a SSS muda de grau de satisfação de médio para alto quando comparamos alunos que já reprovaram ($M = 50,60$; $DP=10,94$) com alunos que não reprovaram ($M = 52,70$; $DP=10,44$), respetivamente. Todavia os alunos de medicina apresentam resultados médio suporte social [26 a 50 pontos] no SA ($M = 43,18$; $DP=13,90$) e SA ($M = 40,22$; $DP=14,90$), o que se traduz num valor total SSS ($M = 51,08$; $DP=10,32$), estando no limite entre o alto suporte social (de 51 a 75 pontos) e médio suporte social (de 26 a 50 pontos).

Tabela 11

Resultados da ESSS alunos com e sem reprovações

	REPETENTE				M_{total}	DP_{total}	p
	SIM		NÃO				
	M	DP	M	DP			
SA	41,33	14,72	44,40	13,72	44,29	13,75	,354
IN	61,39	9,97	64,44	8,34	64,34	8,41	,130
SF	43,75	13,55	40,76	14,21	40,88	14,18	,409
AS	63,33	19,30	71,10	16,83	70,82	16,97	,057
SSS	50,60	10,94	52,70	10,44	52,62	10,45	,403

Notas: *M* = média; *DP* = desvio padrão; *p* = nível de significância; *SA*= satisfação com amigos; *SI*= satisfação com intimidade; *SF*= satisfação com a família; *AS*= satisfação com atividades sociais; *SSS*= total satisfação suporte social.

Na estatística bivariada não encontramos diferenças entre os grupos nas diferentes variáveis e então fez-se uma regressão através do AMOS.

Desenhámos um modelo teórico partindo do princípio que poderia haver uma relação entre o suporte social e o funcionamento familiar e que desta relação faziam parte os aspetos académicos e individuais. Tal como na Figura 3 que se segue.

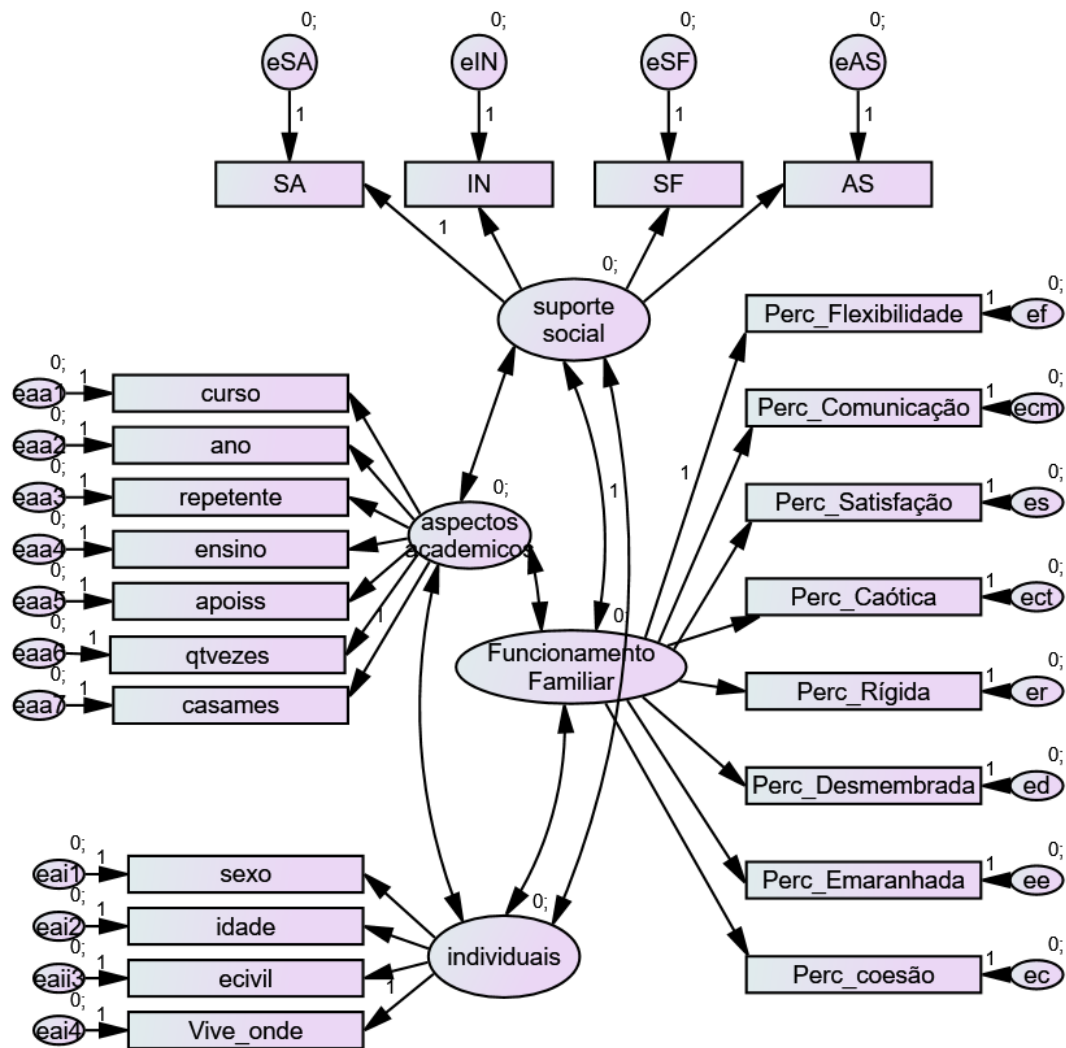


Figura 3. Relação entre o suporte social e o funcionamento familiar.

Testámos o modelo no AMOS e verificámos que o modelo não se ajustava ($RMSEA = 0,121$; $CMIN/DF = 8,389$; $CFI = 0,574$), nem permitia obter uma análise de trajetórias. Como pode ver na Figura 4, que se segue, onde só há covariância significativa entre funcionamento familiar e suporte social.

		Estimate	S.E.	C.R.	P
suporte_social	<--> aspectos_academicos	,032	,165	,196	,845
individuais	<--> aspectos_academicos	-,001	,003	-,189	,850
individuais	<--> suporte_social	-,028	,049	-,582	,560
Funcionamento_Familiar	<--> suporte_social	87,806	12,420	7,069	***
individuais	<--> Funcionamento_Familiar	-,022	,049	-,440	,660
Funcionamento_Familiar	<--> aspectos_academicos	-,015	,078	-,186	,852

Figura 4. Teste do modelo no AMOS.

Retirámos as variáveis que não saturavam com o modelo (aliás já nas estatísticas bivariadas *t* de student e Anova se tinha verificado esta falta de relação).

Voltámos a correr o modelo já sem os aspetos individuais e académicos, como se pode ver na Figura 5, abaixo, e já foi possível obter uma análise das trajetórias (Path analysis) onde o suporte social é explicado pelo funcionamento familiar em 46%.

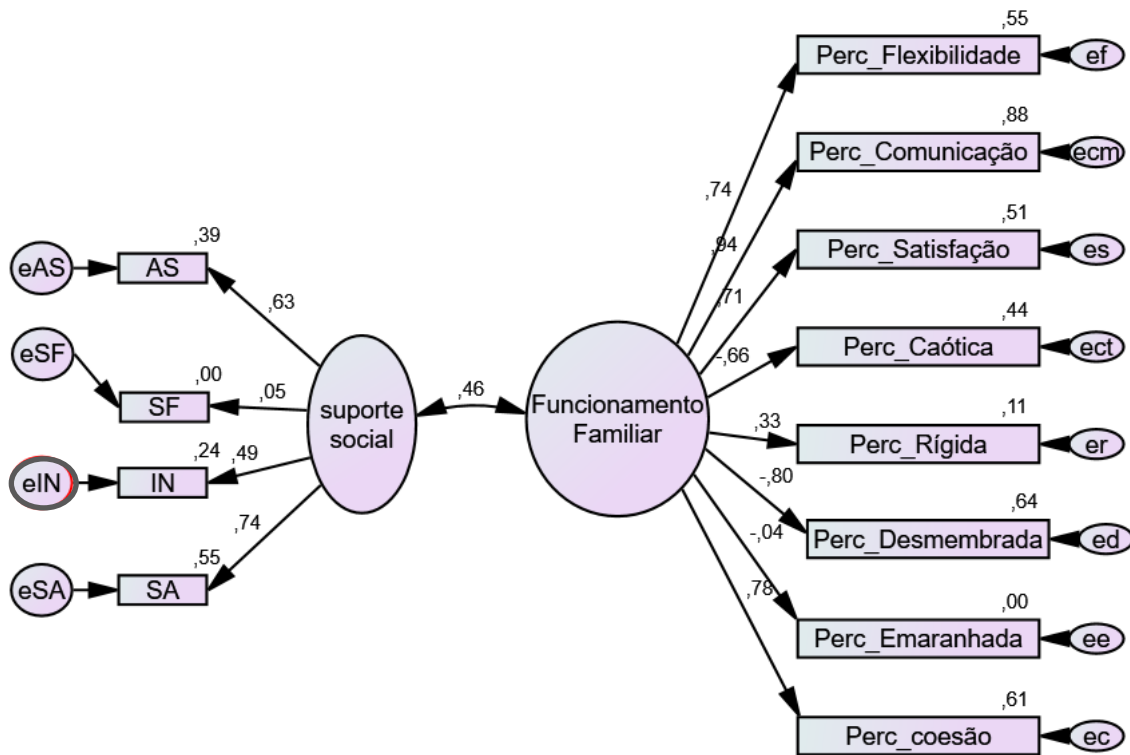


Figura 5. Relação entre o suporte social e o funcionamento familiar: sem os aspetos individuais e académicos.

SA= satisfação com amigos; SI= satisfação com a intimidade; SF= satisfação com a família; AS= satisfação com atividades sociais; SS= Total satisfação suporte Social

A satisfação com os amigos e Atividades Sociais são as dimensões que melhor explicam a satisfação com o suporte social.

Quanto ao ajuste do modelo, também este não obteve um ajustamento adequado. Isto tem a ver com satisfação familiar e a coesão emaranhada que parece não saturar com suporte social, no primeiro caso, e funcionamento familiar, no segundo, já que apresentam correlações negativas, conforme se pode observar no modelo supra apresentado.

Retiraram-se todas as variáveis que não tinham relação estatisticamente significativa

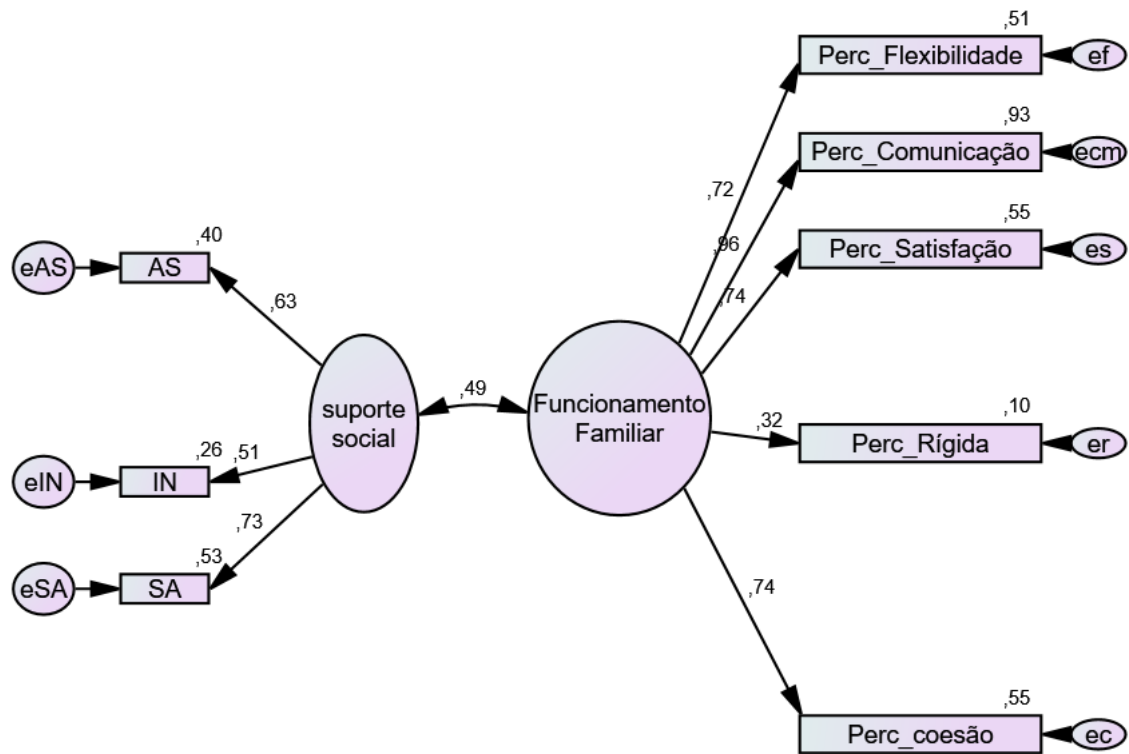


Figura 6. Relação entre o suporte social e o funcionamento familiar, retiradas todas as variáveis que não tinham relação estatisticamente significativa. SA= satisfação com amigos; SI= satisfação com a intimidade; SF= satisfação com a família; AS= satisfação com atividades sociais; SS= Total da satisfação suporte Social

O funcionamento familiar passou a explicar 49% da satisfação com o suporte social dos estudantes universitários, como podemos observar na Figura 6.

Discussão

Este estudo teve como objetivo analisar a perceção de funcionamento familiar e suporte social em estudantes do ensino superior.

Concluiu-se que a perceção que os alunos têm do funcionamento familiar está associada com a perceção que os mesmos têm do suporte social, tal como evidenciado nos vários estudos realizados e na revisão de literatura. As variáveis do funcionamento familiar constituem um preditor da satisfação com o suporte social (Pinheiro & Ferreira, 2002).

Os estudantes percecionam, na globalidade, as suas famílias como equilibradas uma vez que apresentam pontuações altas nas escalas equilibradas e baixas nas escalas desequilibradas. Podemos então, segundo Olson e Gorall (2006) enquadrar estas famílias no *Cluster 1. Equilibradas (Balanced)*. Os resultados destas combinações traduzem-se uma tipologia

familiar com altos níveis de funcionalidade, ou seja, saudável, e baixos níveis de disfuncionalidade/ funcionamento problemático. Desta forma, este tipo de famílias irá, em princípio, lidar bem com o *stress* promover mudanças, associadas aos desafios do ciclo vital da família.

Adicionalmente conclui-se que os estudantes, também na globalidade, parecem estar pouco satisfeitos com a sua família, resultado que é depois confirmado pelos resultados da Satisfação com o Suporte Social, em que a satisfação com a família obtém o resultado mais baixo, em comparação com as restantes dimensões. Este resultado merece uma análise cuidadosa uma vez que contraria a perceção de funcionalidade obtida nas escalas da coesão e adaptabilidade. Poderá justificar-se pela crise normativa associada ao início da etapa do ciclo vital em que se encontram estas famílias – famílias com filhos adultos – e aos constrangimentos e mudanças que, necessariamente, ocorrem na família. Observa-se ainda um afastamento, físico e também emocional, associado à progressiva autonomia dos jovens que poderá justificar a perceção de alguma insatisfação com a família. Hipotetiza-se ainda que este resultado poderá associar-se às mudanças no funcionamento que era habitual até então (rotinas, regras, tempos conjuntos, atividades, gestão do poder, etc.) ou às dificuldades de ajuste, de alguma das partes (pais e filhos) ou mesmo da família, que geram alguma conflitualidade, mas que não têm repercussões significativas na coesão e adaptabilidade, ao ponto de se tornarem disfuncionais.

Cruzando ainda o resultado da satisfação com a família da FACES IV com o obtido na ESSS, onde a satisfação com a família se apresenta como uma das variáveis com resultados mais baixos, ainda que no patamar mediano, dados que se validam reciprocamente, hipotetiza-se que o suporte e disponibilidade sentida pelos jovens face à família possam ser limitados e gerar alguma insatisfação. Aspeto que poderá resultar do afastamento geográfico, de constrangimentos quotidianos na relação jovem – família, na ausência de contactos presenciais frequentes e, ainda, limitações financeiras, ou outros acontecimentos que possam desafiar a família na sua capacidade de gerar suporte, como por exemplo doenças, desemprego, problemas com outros familiares, etc.

Conclui-se que a frequência do ensino universitário constitui uma fase de desafios complexos, não apenas para o jovem, mas também para a família, o que se repercute na satisfação vivida, embora possa não ter reflexos na funcionalidade percecionada pelos seus elementos, tal como fica demonstrado pelos resultados da FACES IV.

Quanto à Satisfação com o Suporte Social verificou-se que os estudantes, dos vários cursos (medicina, enfermagem, psicologia, engenharia mecânica ciências do desporto, gestão,

jornalismo/comunicação) estão satisfeitos com o suporte social, com destaque para as Atividades Sociais e Intimidade, cujos resultados se apresentam mais altos. Com exceção dos alunos de Medicina, que se revelaram os menos satisfeitos em todas as dimensões, assim como os alunos do 5º ano, dados que estão em contradição com Teixeira, Dias, Wottrich e Oliveira (2008) que dizem primeiro ano é um período crítico para a adaptação do estudante à universidade. Os alunos mais satisfeitos com o suporte social recebido são os de Psicologia e Ciências do Desporto. Estes resultados confirmam o que Soares, Leandro, Diniz e Guisande, (2006) concluíram no seu estudo com 1273 estudantes da Universidade do Minho, em que estudaram 17 dimensões. Destas 17 dimensões estudadas, os estudantes do curso de Psicologia foram os que obtiveram pontuações mais elevadas em 11 dimensões: Adaptação à Instituição, Adaptação ao Curso, Relacionamento c/ Professores, Métodos de Estudo. Realização de Exames, Desenvolvimento da Carreira, Perceção Pessoal de Competência, Auto-confiança, Bem-estar Físico e Relacionamento com a Família.

No que toca aos alunos do 5º ano este resultado pode relacionar-se com o panorama nacional do trabalho para os recém-licenciados, sendo o futuro uma incerteza para a maioria destes estudantes. Segundo o Instituto Nacional de Estatísticas (2016), referindo-se ao primeiro trimestre do ano de 2016, existiam 640,2 mil pessoas desempregados. Destes, 124,2 mil com um nível de escolaridade completo correspondente ao ensino superior, dos quais 49,7 mil são licenciados com idades entre os 25 e os 34 anos. Este dado deve ser considerado e mais estudado para se perceber exatamente a que variáveis se associa ou que o explicam.

Quanto aos resultados mais baixos relativamente ao suporte social obtidos pelos alunos de Medicina este dado não é surpreendente pois é de conhecimento geral o grau de exigência académica, pessoal e também social (p. ex., pela exigência tempo que implica) que se associa aos estudos em Medicina. Pode equacionar-se que os desafios que estes alunos enfrentam possam ser percecionados como superiores aos que enfrentam alunos de outros cursos, por exemplo, em termos de tempo de trabalho, exigências objetivas e subjetivas, no sentido de responsabilidade enfrentado face ao facto de se tratar da vida e saúde das pessoas, maior pressão social e académica, entre outros aspetos. Estes podem ser constrangimentos muito relevantes na sua disponibilidade para investir no suporte social que recebem e que dão. Ou seja, podem existir dificuldades sérias, nestes estudantes, face ao investimento de tempo e recursos pessoais e sociais, em alimentar a reciprocidade que é fundamental no suporte social. No estudo de Rodrigues (2014) em que participaram 997 estudantes de seis estabelecimentos do Ensino Superior portugueses, 557 alunos do curso de Medicina e 440 alunos de outros

cursos recorrendo à Escala de Satisfação com o Suporte Social os resultados, alertam para elevada prevalência de ansiedade nos estudantes de Medicina (>20%), tornando-se importante que as instituições de ensino canalizem esforços no sentido de proporcionar um maior suporte a estes alunos.

Um dado relevante e positivo, que limita a gravidade do resultado anterior, é que não foi encontrada nenhuma regularidade, nestes estudantes de Medicina, quanto ao funcionamento familiar, ou seja, a família destes estudantes não é percecionada de forma mais negativa em comparação com as dos estudantes de outros cursos.

Embora a Satisfação com o Suporte Social, seja, em termos gerais, francamente positiva, verificou-se que é superior, nos alunos que não reprovaram, comparativamente aos que já reprovaram. Este resultado sugere uma ligação entre o suporte social percecionado e o sucesso escolar, conforme defendido por alguns autores da literatura subjacente à problemática (Pascarella & Terenzini, 2005; Pinheiro & Ferreira, 2002; Sarason et al., 1983; Silva, 2003).

Conclusões

Deste trabalho pode concluir-se que, nos participantes estudados, o funcionamento familiar está relacionado com a satisfação relativamente ao suporte social, nas suas várias dimensões. As famílias são percecionadas como equilibradas e o grau de suporte social recebido é alto e médio, resultados que se suportam reciprocamente.

O facto da satisfação com a família ser baixa e desta ser a variável também menos pontuada na ESSS, deve levar-nos a olhar para a família, nesta etapa, atendendo às crises e desafios com se deparam e procurar ajudá-las a ativar os processos de resiliência necessários à adaptação dos seus elementos e, em particular, à gestão do contexto académico. Importa ainda atender às especificidades contextuais de cada família e enquadrar os seus desafios, crises e recursos num quadro mais alargado de funcionamento. Uma limitação da avaliação familiar feita neste trabalho foi apenas termos acesso à perspetiva dos filhos sobre o funcionamento familiar. Sugere-se que em estudos futuros esta limitação seja ultrapassada e que toda a família possa pronunciar-se sobre o funcionamento e que mais estudos sejam realizados nesta temática de forma a fortalecer a literatura.

Um caminho também sugerido pelos resultados apresentados é que favorecer a integração ou participação social, otimizar o suporte proveniente das redes naturais do

estudante e disponibilizar novos contextos de suporte social deve ser um investimento que potencia o sucesso académico. O percurso de compreensão das relações entre suporte social e adaptação a novos contextos e experiências de vida do estudante não está de modo algum terminado. Concebendo a adaptação ao ensino superior, como a 5ª etapa do ciclo vital da família, como um processo complexo e evolutivo, no qual confluem uma diversidade de aspetos que ultrapassam largamente os que até aqui foram abordados, torna-se fundamental partir para uma compreensão longitudinal, em estudos futuros, das associações e relações entre estas variáveis tentando traçar hipóteses sobre várias trajetórias desenvolvimentais.

Neste sentido, perceber as mudanças temporais dos recursos pessoais e sociais dos sujeitos e o grau em que estes podem ajudar no entendimento das vivências académicas de natureza adaptativa é o desafio a que nos devemos dedicar, de modo a reunir, na investigação e na intervenção, os fatores facilitadores da transição para o ensino superior.

Bibliografia

- Baptista, M., Baptista, A. & Torres, E. (2006). Associação entre suporte social, depressão e ansiedade em gestantes. *PSIC -Revista de Psicologia da Vetor Editora*, 7 (1), 39-48
- Beyers, W., Goossens, L., Vansant, I., & Moors, E. (2003). *A Structural Model of Autonomy in Middle and Late Adolescence : Connectedness , Separation , Detachment , and Agency*, 32(5), 351–365.
- Chickering, A., & Reisser, L. (1993). Summary for Policymakers. In Intergovernmental Panel on Climate Change (Ed.), *Climate Change 2013 - The Physical Science Basis* (pp. 1 30). Cambridge: Cambridge University Press. Acedido em, 14, dezembro, 2016, em <https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>.
- Dinis, A. (2013). Adaptação académica, apoio social e bem-estar subjetivo dos estudantes do ensino superior: um estudo nas residências universitárias. Acedido em, 14, Novembro, 2016, em <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/25321>
- Fortin, M. (1999). *O Processo de Investigação*. Loures: Lusociência.
- Instituto Nacional de Estatísticas (2016). Estatísticas do Emprego 1º trimestre de 2016. Acedido em, 26 de janeiro 2017, em https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine_main&xpid=INE&xlang=pt
- Mascarenhas, S., Gutierrez, D., Lozano, A., Barca, A. (2012). Efeitos das Relações Família Escola sobre o Rendimento Académico de Estudantes Universitários Brasileiros. *Revista*

Amazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNP/EDUA – ISSN 1983-3415

- Marôco, J., Campos, J., Bonafé, F. S. S., Vinagre, M., & Pais-Ribeiro, J. (2014). Adaptação transcultural Brasil-Portugal da Escala Brief COPE para estudantes do ensino superior. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 15(2), 300–313. <https://doi.org/10.15309/14psd150201>
- Nelas, P. (2004). Suporte social na gravidez adolescente. *Interações*, (6), 170–184.
- Oliva, D., Jiménez, J., Parra, A., & Queija, S. (2008). Acontecimientos vitales estresantes, resiliencia y ajuste adolescente. *Revista de Psicopatología y Psicología Clínica* Acedido em, 22, novembro, 2016, em <https://doi.org/10.5944/rppc.vol.13.num.1.2008.4050>
- Olson, D. (2011). FACES IV and Circumplex Model: Validation Study. *Journal of Marital & Family Therapy*, 3(1), 64-80.
- Olson, D. & Gorall, D. (2006). FACES IV & the Circumplex Model. Life Innovation, Inc. (<http://www.facesiv.com/pdf/3.innovation.pdf>).
- Pascarella, E., & Terenzini, P. (2005). How college effects students. Acedido em, 12, outubro, 2016, em https://edocs.uis.edu/Departments/LIS/Course_Pages/LIS301/papers/How_college_effects_students_534-545.
- Pereira, M., Dotto, G., & Rosa, L. (2007). Adaptação à Universidade em Estudantes Universitários: Um Estudo Correlacional. *Interação Em Psicologia*, 11(2), 211–220.
- Pinheiro, M., & Ferreira, J. (2002). O Questionário de Suporte Social: Adaptação e validação da versão portuguesa do Social Support Questionnaire (SSQ6). *Psychologica*, (30), 315–333.
- Relvas, A. (1996). *O Ciclo Vital da Família, Perspectiva Sistémica*. Porto: Afrontamento.
- Relvas, A. P. (2006). *O Ciclo Vital da família* (4ªed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Ribeiro, J. (2011). *Escala de Satisfação com o Suporte Social*. Lisboa: Placebo Editora.
- Ribeiro, J. (1999). Escala de satisfação com o suporte social (ESSS). *Análise Psicológica*, 3(17), 547-558.
- Rios, O. (2006). Níveis de stress e depressão em estudantes universitários. Pontífica. Universidade Católica de São Paulo. Acedido em, 10, novembro, 2016, em <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15516>
- Rodrigues, J. R. (2014). Ansiedade em Estudantes de Medicina. Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Medicina. Universidade da Beira Interior, Covilhã. Acedido em, 10, novembro, 2016, em www.fcsaude.ubi.pt/thesis2/anexo.php?id=f1f9634056e25298
- Santos, A., Oliveira, C., Dias, A. (2015). Características das Relações dos Universitários e Seus Pares: Implicações na Adaptação Acadêmica. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 17(1), 150-

163. São Paulo, SP, jan.-abr. 2015. ISSN 1516-3687 (impresso), ISSN 1980-6906 (on-line). <http://dx.doi.org/10.15348/1980-6906/psicologia.v17n1p150-163>. Sistema de avaliação: às cegas por pares (double blind review). Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- Sarason, I., Levine, H., Basham, R., & Sarason, B. (1983). Assessing social support: The Social Support Questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44(1), 127–139. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.44.1.127>
- Seco, G., Dias, M., Pereira, M., Casimiro, M., Custódio, S., Casimiro, M., & Custódio, S. (2007). Construindo pontes para uma adaptação bem sucedida ao ensino superior: implicações práticas de um estudo. IX Congresso Da Sociedade Portuguesa de Ciências Da Educação. Acedido em, 10, novembro, 2016, em <http://iconline.ipleiria.pt/handle/10400.8/18>
- Silva. (2015). VALIDAÇÃO DA FACES IV. O Funcionamento da Família em Diferentes Etapas do Ciclo Vital. Dissertação de Mestrado não publicada, Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra.
- Silva, S. (2003). Adaptação académica, pessoal e social do jovem adulto ao ensino superior: contributos do ambiente familiar do autoconceito. Dissertação de Mestrado Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação Universidade de Coimbra. Acedido em, 15, outubro, 2016, em www.esec.pt/cdi/ebooks/docentes/S_Silva/Tese.M.pdf
- Silva, & Ferreira. (2009). Família e ensino superior: que relação entre dois contextos desenvolvimento? *Exedra: Revista Científica*, 101 - 126. Acedido em, 10, novembro, 2016, em <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3398329>.
- Sequeira, J., Cerveira, C. Silva, M. I., Neves, S., Vicente, H., Espírito-Santo, H. & Guadalupe, S. (em preparação, 2015.). Validation of FACES IV for the Portuguese population.
- Siqueira, M (2008). Construção e validação da escala de perceção de suporte social. *Psicologia em Estudo*, 13(2), 381-388.
- Soares, A., Leandro, A., Diniz, A. & Guisande, M. (2006) Modelo multidimensional de ajustamento de jovens ao contexto universitário (MMAU): estudo com estudantes de ciências e tecnologias versus ciências sociais e humanas: *Análise Psicológica*, 1 (XXIV), 15-27. Acedido em, 4, novembro, 2016, em <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/153/1/AP%2024%281%29%20%282006%29%2015-27.pdf>
- Souza, M., Baptista, A., Baptista, M. (2010). Relação Entre Suporte Familiar, Saúde Mental E Comportamentos De Risco Em Estudantes Universitários. *Acta Colombiana De Psicología* 13 (1): 143-154.
- Teixeira, M., Dias, A., Wottrich, S., & Oliveira, A. (2008). Adaptação à universidade em jovens

calouros. *Psicologia Escolar E Educacional*, 12(1), 185–202. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572008000100013>

Vendramini, C., Santos, A., Polydoro, S., Sbardelini, E., Serpa, M., & Natário, E. (2004). Construção e validação de uma escala sobre avaliação da vida académica (EAVA). *Estudos d Psicologia*, 9(2), 259–268. Acedido em, 14, novembro, 2016, em <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000200007>

Wintre, M., & Yaffe, M. (2000). First-year students' adjustment touUniversity life as a function of relationships with parents. *Journal of Adolescent Research* 15. Acedido em, 11, janeiro, 2017, em <https://doi.org/10.1177/0743558400151002>

Anexos

Anexo 1

Dados sociodemográficos



**Perceção da Coesão familiar em
Estudantes Universitários**

Investigação no âmbito do
Cursos de 2º Ciclo (Mestrado) em Psicologia Clínica do
Instituto Superior Miguel Torga, 2015-2016

--	--

Inquiridor: Vitor Nuno Neves Ferreira dos Anjos

Local: _____ Sr(a): _____ (1º nome e iniciais sobrenome)

Consentimento Informado:

Esta investigação decorre no âmbito do Mestrados em Psicologia Clínica do Instituto Superior Miguel Torga (Coimbra) e tem como objetivo caracterizar a percepção do funcionamento familiar e do suporte social em estudantes universitários.

Convidamo-lo/a a integrar este estudo porque a sua participação é crucial para que possamos compreender os processos de transição para o ensino superior, no que ao funcionamento da família e suporte social diz respeito e desenhar programas de intervenção psicológica e social de acordo com as necessidades detetadas.

Deve responder a este protocolo se for estudante do ensino superior (universitário ou politécnico) e se estiver a frequentar uma licenciatura ou mestrado.

A sua participação é muito importante, mas é voluntária. Todos os dados recolhidos têm garantia de confidencialidade e servem somente para esta investigação científica. A equipa de investigação está disponível para qualquer esclarecimento acerca do estudo. Ao aceitar participar, por favor responda a todas as questões, exceto às que não se aplicam à sua situação.

Contacto dos investigadores responsáveis:

Licenciado Vitor Nuno Anjos: vitor.n.anjos@sapo.pt - Professora Doutora Joana Sequeira: joanasequeira@ismt.pt

Departamento de Investigação & Desenvolvimento do Instituto Superior Miguel Torga:

www.ismt.pt | investig@ismt.pt | 239483055

Ficha Técnica. A Bateria inclui os seguintes instrumentos padronizados, em versão integral ou parcial:

FACES IV; Escala de Satisfação com o Suporte Social; dados sociodemográficos

CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS E FAMILIARES

1. Sexo: ☐ Masculino ☐ Feminino

2. Idade: (anos)

3. Estado civil?

- ☐ Solteiro/a
☐ Casado/a ou em união de facto
☐ Viúvo/a
☐ Divorciado/a ou separado/a

4. Estuda em que curso?

5. Estuda em que ano?

1º ☐

2º ☐

3º ☐

mestrado integrado 4º / 5º ☐

mestrado não integrado 1º/2º ano ☐

6. É repetente no ensino superior?

Sim ☐

Não ☐

7. Frequenta o Ensino:

Público ☐

Privado ☐

8. Onde reside a sua família (pessoas com quem vive/vivia)?

Freguesia: _____

Concelho: _____

Distrito: _____

8. Vive:

9. Zona de residência em tempo de aulas?

☐ Na sua casa

☐ Em casa de familiares

☐ Em residência universitária

☐ Num quarto arrendado.

Outra situação: _____

A mesma ☐

Outra;

Freguesia: _____

Concelho: _____

Distrito: _____

A quantos Kms da sua família: _____

9. Vive Só? ☐ **Sim**

☐ **Não**

--	--

Anexo 2

Instrumento de Avaliação FACES IV

--	--

FACES IV

Versão original: Gorall, Tiesel e Olson, 2004, 2006

Versão portuguesa: Sequeira, Cerveira, Neves, Silva, Espírito-Santo, Guadalupe e Vicente, 2015

Leia cuidadosamente cada afirmação e assinale com uma cruz (x) no quadrado respetivo, a opção de resposta que está mais de acordo com a perceção que tem da sua família. Não há respostas “certas” ou “erradas” nem respostas para causar uma boa impressão. Por favor, não deixe nenhuma questão em branco.

Em que medida está de acordo com cada uma das seguintes afirmações.

	Discordo totalmente	Discordo	Indeciso	Concordo	Concordo totalmente
1. Os elementos da família envolvem-se na vida uns dos outros.					
2. A nossa família procura novas maneiras para lidar com os problemas.					
3. Damo-nos melhor com pessoas fora da família do que entre nós.					
4. Passamos muito tempo juntos.					
5. Quando se quebram as regras da família há consequências graves.					
6. Na nossa família parece que nunca nos organizamos.					
7. Os elementos da família sentem-se muito próximos uns dos outros.					
8. Na nossa família os pais partilham a liderança de um modo equilibrado.					
9. Quando estão em casa, os membros da família parecem evitar o contacto uns com os outros.					
10. Os elementos da família sentem-se pressionados para passar a maioria do tempo livre juntos.					
11. Existem consequências claras quando um elemento da família faz algo errado.					
12. É difícil perceber quem é o líder na nossa família.					
13. Nos momentos difíceis os elementos da família apoiam-se uns aos outros.					
14. As regras são justas na nossa família.					
15. Na nossa família sabe-se muito pouco acerca dos amigos uns dos outros.					
16. Na nossa família somos muito dependentes uns dos outros.					
17. A nossa família tem uma regra para quase tudo.					
18. Na nossa família não conseguimos concretizar as coisas					
19. Os elementos da família consultam-se sobre decisões importantes.					
20. A minha família é capaz de se ajustar às mudanças quando é necessário.					
21. Quando há um problema para ser resolvido cada um está por sua conta.					

22. Os elementos da família têm pouca necessidade de ter amigos fora da família.					
23. A nossa família é extremamente organizada.					
24. É pouco claro quem é responsável pelas tarefas e atividades na nossa família.					
25. Os elementos da família gostam de passar parte do seu tempo livre juntos.					
26. Alternamos entre nós as responsabilidades domésticas.					
27. Na nossa família raramente fazemos coisas em conjunto.					
28. Sentimo-nos muito ligados uns aos outros.					
29. Na nossa família ficamos frustrados quando há uma alteração nos planos ou rotinas estabelecidas					
30. Não há liderança na nossa família.					
	Discordo totalmente	Discordo	Indeciso	Concordo	Concordo totalmente
31. Apesar dos elementos da família terem interesses individuais, continuam a participar nas atividades familiares					
32. Na nossa família temos regras e papéis claros.					
33. Os elementos da família raramente dependem uns dos outros.					
34. Ressentimo-nos quando alguém faz coisas fora da família.					
35. É importante seguir as regras na nossa família.					
36. A nossa família temos dificuldades em saber quem faz o quê nas tarefas de casa.					
37. Na nossa família existe um bom equilíbrio entre a separação e a proximidade.					
38. Quando os problemas surgem nós comprometemo-nos.					
39. Geralmente os elementos da família agem de forma independente.					
40. Sentimo-nos culpados quando queremos passar algum tempo longe da família.					
41. Uma vez tomada uma decisão é muito difícil alterá-la.					
42. A nossa família sente-se caótica e desorganizada.					
43. Na nossa família sentimo-nos satisfeitos com a forma como comunicamos uns com os outros.					
44. Os elementos da família são muito bons ouvintes.					
45. Na nossa família expressamos afeto uns pelos outros.					
46. Os elementos da família são capazes de pedir uns aos outros o que querem.					

47. Na nossa família podemos discutir calmamente os nossos problemas.					
48. Os elementos da família debatem as suas ideias e convicções.					
49. Quando colocamos questões uns aos outros recebemos respostas honestas.					
50. Os elementos da família tentam compreender os sentimentos uns dos outros.					
51. Quando nos zangamos raramente dizemos coisas negativas uns aos outros.					
52. Os elementos da família expressam os seus verdadeiros sentimentos uns aos outros.					
	Insatisfeito	Geralmente satisfeito	Muito satisfeito	Totalmente satisfeito	
53. O grau de proximidade entre os membros da família.					
54. A capacidade da família lidar com o <i>stress</i> .					
55. A capacidade da família para ser flexível.					
56. A capacidade da família para partilhar experiências positivas.					
57. A qualidade da comunicação entre os elementos da família.					
58. A capacidade da família para resolver conflitos.					
59. O tempo que passamos juntos enquanto família.					
60. A forma como os problemas são discutidos.					
61. A justiça das críticas na família.					
62. A maneira como os elementos da família se preocupam uns com os outros.					

Anexo 3

Instrumento de Avaliação ESSS

ESCALA DE SATISFAÇÃO COM O SUPORTE SOCIAL

A SEGUIR VAI ENCONTRAR VÁRIAS AFIRMAÇÕES, SEGUIDAS DE CINCO LETRAS. MARQUE UM CÍRCULO À VOLTA DA LETRA QUE MELHOR QUALIFICA A SUA FORMA DE PENSAR. POR EXEMPLO, NA PRIMEIRA AFIRMAÇÃO, SE VOCÊ PENSA QUASE SEMPRE QUE POR VEZES SE SENTE SÓ NO MUNDO E SEM APOIO, DEVERÁ ASSINALAR A LETRA A, SE ACHA QUE NUNCA PENSA ISSO DEVERÁ MARCAR A LETRA E.

	Concordo totalmente	Concordo na maior parte	Não concordo nem discordo	Discordo na maior parte	Discordo totalmente
1-Por vezes sinto-me só no mundo e sem apoio	A	B	C	D	E
2-Não saio com amigos tantas vezes quantas eu gostaria	A	B	C	D	E
3-Os amigos não me procuram tantas vezes quantas eu gostaria	A	B	C	D	E
4-Quando preciso de desabafar com alguém encontro facilmente amigos com quem o fazer	A	B	C	D	E
5-Mesmo nas situações mais embaraçosas, se precisar de apoio de emergência tenho várias pessoas a quem posso recorrer	A	B	C	D	E
6-Às vezes sinto falta de alguém verdadeiramente íntimo que me compreenda e com quem possa desabafar sobre coisas íntimas	A	B	C	D	E
7-Sinto falta de actividades sociais que me satisfaçam	A	B	C	D	E
8-Gostava de participar mais em actividades de organizações (p.ex. clubes desportivos, escuteiros, partidos políticos, etc.)	A	B	C	D	E
9-Estou satisfeito com a forma como me relaciono com a minha família	A	B	C	D	E
10-Estou satisfeito com a quantidade de tempo que passo com a minha família	A	B	C	D	E
11-Estou satisfeito com o que faço em conjunto com a minha família	A	B	C	D	E
12-Estou satisfeito com a quantidade de amigos que tenho	A	B	C	D	E
13-Estou satisfeito com a quantidade de tempo que passo com os meus amigos	A	B	C	D	E
14-Estou satisfeito com as actividades e coisas que faço com o meu grupo de amigos	A	B	C	D	E
15-Estou satisfeito com o tipo de amigos que tenho	A	B	C	D	E

SATISFAÇÃO SOCIAL (ESSS) (Ribeiro, 1999)

Grelha de correcção

	Concordo totalmente	Concordo na maior parte	Não concordo nem discordo	Discordo na maior parte	Discordo totalmente
1-Por vezes sinto-me só no mundo e sem apoio	1	2	3	4	5
2-Não saio com amigos tantas vezes quantas eu gostaria	1	2	3	4	5
3-Os amigos não me procuram tantas vezes quantas eu gostaria	1	2	3	4	5
4-Quando preciso de desabafar com alguém encontro facilmente amigos com quem o fazer	5	4	3	2	1
5-Mesmo nas situações mais embaraçosas, se precisar de apoio de emergência tenho várias pessoas a quem posso recorrer	5	4	3	2	1
6-Às vezes sinto falta de alguém verdadeiramente íntimo que me compreenda e com quem possa desabafar sobre coisas íntimas	1	2	3	4	5
7-Sinto falta de actividades sociais que me satisfaçam	1	2	3	4	5
8-Gostava de participar mais em actividades de organizações (p.ex. clubes desportivos, escuteiros, partidos políticos, etc.)	1	2	3	4	5
9-Estou satisfeito com a forma como me relaciono com a minha família	5	4	3	2	1
10-Estou satisfeito com a quantidade de tempo que passo com a minha família	5	4	3	2	1
11-Estou satisfeito com o que faço em conjunto com a minha família	5	4	3	2	1
12-Estou satisfeito com a quantidade de amigos que tenho	5	4	3	2	1
13-Estou satisfeito com a quantidade de tempo que passo com os meus amigos	5	4	3	2	1
14-Estou satisfeito com as actividades e coisas que faço com o meu grupo de amigos	5	4	3	2	1
15-Estou satisfeito com o tipo de amigos que tenho	5	4	3	2	1

OUTROS ANEXOS

FACES IV

Anexo 4

Resultados da FACES IV rácios

Resultados da FACES IV rácios e sexo

	sexo				p
	masculino		feminino		
	n	%	n	%	
Nível_RácioCoesão	27	17%	61	18%	,810
	128	83%	272	82%	
Nível_RácioFlexibilidade	31	19%	54	16%	,342
	131	81%	289	84%	
Nível_RácioTotal	29	19%	59	18%	,791
	126	81%	274	82%	

Resultados da FACES IV rácios e ano de frequência ensino superior

												p
		1º		2º		3º		4º		5º		
		n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	
Nível_RácioCoesão	.	11	19%	35	20%	28	17%	5	13%	9	19%	,868
	.	47	81%	142	80%	140	83%	33	87%	38	81%	
68Nível_RácioFlexibilidade	.	10	16%	35	19%	24	14%	6	16%	10	20%	,742
	.	51	84%	151	81%	147	86%	32	84%	39	80%	
Nível_RácioTotal	.	10	17%	35	20%	27	16%	7	18%	9	19%	
	.	48	83%	142	80%	141	84%	31	82%	38	81%	,920

Resultados da FACES IV rácios e residência

	Residência					p
	a mesma		outra			
	n	%	n	%		

Nível_RácioCoesão	59	17%	29	20%	,492
	283	83%	117	80%	
Nível_RácioFlexibilidade	63	18%	22	15%	,375
	291	82%	129	85%	
Nível_RácioTotal	65	19%	23	16%	,392
	277	81%	123	84%	

Resultados da FACES IV rácios e tipo ensino

	ensino				
	publica		privado		p
	n	%	n	%	
Nível_RácioCoesão	79	19%	9	13%	,204
	338	81%	62	87%	
Nível_RácioFlexibilidade	74	17%	11	15%	,704
	359	83%	61	85%	
Nível_RácioTotal	77	18%	11	15%	,547
	340	82%	60	85%	

Resultados da FACES IV rácios e alunos com e sem reprovação

	repetente					p
	sim		não			
	n	%	n	%		
Nível_RácioCoesão	1	6%	87	18%	,185	
	16	94%	384	82%		
Nível_RácioFlexibilidade	0	0%	85	17%	,052	
	18	100%	402	83%		
Nível_RácioTotal	1	6%	87	18%	,185	
	16	94%	384	82%		

Anexo 5

Resultados da FACES IV por Sexo

		Sexo				p
		masculino		feminino		
		n	%	n	%	
Niveis_caótica	Muito Baixo [10-26]	88	54%	194	57%	,544
	Baixo [30-40]	52	32%	95	28%	
	Moderado [45-60]	19	12%	41	12%	
	Alto [64-75]	3	2%	13	4%	
	Muito Alto [80-99]	0	0%	0	0%	
Nivel_comunicação	Muito Baixo [10-20]	19	12%	41	12%	,351
	Baixo [21-35]	6	4%	10	3%	
	Moderado [36-60]	26	16%	60	17%	
	Alto [61-85]	73	45%	126	37%	
	Muito Alto [86-99]	38	23%	106	31%	
Niveis_Satisfação	Muito Baixo [10-20]	77	48%	172	50%	,142
	Baixo [21-35]	39	24%	72	21%	
	Moderado [36-60]	38	23%	55	16%	
	Alto [61-85]	8	5%	44	13%	
	Muito Alto [86-99]	0	0%	0	0%	
Niveis_Desmembramento	Muito Baixo [10-26]	122	79%	258	77%	,932 ^a
	Baixo [30-40]	29	19%	67	20%	
	Moderado [45-60]	4	3%	8	2%	
	Alto [64-75]	0	0%	0	0%	
	Muito Alto [80-99]	0	0%	0	0%	
Niveis_Emaranhamento	Muito Baixo [10-26]	42	26%	120	35%	,106
	Baixo [30-40]	95	59%	188	55%	
	Moderado [45-60]	19	12%	29	8%	
	Alto [64-75]	6	4%	6	2%	
	Muito Alto [80-99]	0	0%	0	0%	
Niveis_Rígidez	Muito Baixo [10-26]	52	32%	115	34%	,268
	Baixo [30-40]	72	44%	163	48%	
	Moderado [45-60]	36	22%	55	16%	
	Alto [64-75]	2	1%	10	3%	
	Muito Alto [80-99]	0	0%	0	0%	
Niveis_de_coesão	Algo Coesa [10-30]	38	23%	93	27%	,643
	Coesa [35-60]	39	24%	83	24%	
	Muito Coesa [69-99]	85	52%	167	49%	
Niveis_de_Flexibilidade	Ago Flexível [10-20]	17	10%	28	8%	,662
	Flexível [25-60]	62	38%	130	38%	
	Muito Flexível [65-99]	83	51%	185	54%	

Anexo 6

Resultados da FACES IV subescalas desequilibradas por ano de escolaridade

	ano	M	SD	F (4, 501)	p	η^2
Caótica (%)	1º	29,03	16,91	0,021	0,999	0,000
	2º	28,53	14,62			
	3º	28,50	15,17			
	4º	28,23	13,89			
	5º	28,47	13,57			
	Total	28,55	14,90			
Desmembrada (%)	1º	21,98	9,54	0,436	0,782	0,001
	2º	22,66	8,09			
	3º	22,38	8,22			
	4º	22,71	6,88			
	5º	22,30	8,26			
	Total	22,45	8,22			
Emaranhada (%)	1º	31,80	10,08	0,393	0,814	0,004
	2º	31,48	9,32			

	3º	31,64	9,61			
	4º	31,34	9,14			
	5º	33,61	10,81			
	Total	31,77	9,63			
	1º	36,77	14,18			
	2º	33,91	13,36			
Rígida (%)	3º	33,67	12,12	0,546	0,702	0,006
	4º	34,00	10,59			
	5º	34,10	13,47			
	Total	34,20	12,86			
	1º	56,31	27,63			
	2º	59,26	27,84			
Coesão Equilibrada (%)	3º	59,60	27,05	0,175	0,951	0,001
	4º	59,34	25,62			
	5º	59,80	27,25			
	Total	59,06	27,24			
	1º	60,28	23,32			
	2º	59,43	25,69			
Flexibilidade(%)	3º	61,77	25,26	0,221	0,927	0,002
	4º	61,21	24,41			
	5º	60,69	25,65			
	Total	60,58	25,09			

Anexo 7

Resultados da FACES IV subescalas Equilibradas por ano de escolaridade

	ano	M	DP	F (4, 501)	p	η^2
	1º	2,24	1,27			
	2º	2,33	1,29			
Rácio_Coesão	3º	2,38	1,25	0,154	0,951	0,001
	4º	2,38	1,27			
	5º	2,28	1,24			
	Total	2,34	1,26			
	1º	2,01	1,05			
	2º	2,08	1,17			
Rácio_Flexibilidade	3º	2,18	1,18	0,294	0,882	0,002
	4º	2,15	1,14			
	5º	2,13	1,22			
	Total	2,11	1,16			
Rácio_Total	1º	2,11	1,01			
	2º	2,20	1,11			
	3º	2,27	1,07	0,260	0,903	0,002
	4º	2,26	1,08			
	5º	2,21	1,08			
	Total	2,22	1,08			

Anexo 8

Resultados da FACES IV por alunos com e sem reprovação

repetente				
Sim		não		p
n	%	n	%	

Níveis_caótica	Muito Baixo [10-26]	11	61%	271	56%	,699 ^a
	Baixo [30-40]	6	33%	141	29%	
	Moderado [45-60]	1	6%	59	12%	
	Alto [64-75]	0	0%	16	3%	
Nivel_comunicação	Muito Alto [80-99]	0	0%	0	0%	,780 ^a
	Muito Baixo [10-20]	1	6%	59	12%	
	Baixo [21-35]	0	0%	16	3%	
	Moderado [36-60]	3	17%	83	17%	
Níveis_Satisfação	Alto [61-85]	9	50%	190	39%	,674 ^a
	Muito Alto [86-99]	5	28%	139	29%	
	Muito Baixo [10-20]	9	50%	240	49%	
	Baixo [21-35]	3	17%	108	22%	
Níveis_Desmembramento	Moderado [36-60]	5	28%	88	18%	,539 ^a
	Alto [61-85]	1	6%	51	10%	
	Muito Alto [86-99]	0	0%	0	0%	
	Muito Baixo [10-26]	15	88%	365	77%	
Níveis_Emaranhamento	Baixo [30-40]	2	12%	94	20%	,090 ^a
	Moderado [45-60]	0	0%	12	3%	
	Alto [64-75]	0	0%	0	0%	
	Muito Alto [80-99]	0	0%	0	0%	
Níveis_Rígidez	Muito Baixo [10-26]	6	33%	156	32%	,764 ^a
	Baixo [30-40]	8	44%	275	56%	
	Moderado [45-60]	2	11%	46	9%	
	Alto [64-75]	2	11%	10	2%	
Níveis_de_coesão	Muito Alto [80-99]	0	0%	0	0%	,091 ^a
	Muito Baixo [10-26]	5	28%	162	33%	
	Baixo [30-40]	8	44%	227	47%	
	Moderado [45-60]	4	22%	87	18%	
Níveis_de_Flexibilidade	Alto [64-75]	1	6%	11	2%	,388
	Muito Alto [80-99]	0	0%	0	0%	
	Algo Coesa [10-30]	1	6%	130	27%	
	Coesa [35-60]	7	39%	115	24%	
Níveis_de_Flexibilidade	Muito Coesa [69-99]	10	56%	242	50%	,388
	Ago Flexível [10-20]	0	0%	45	9%	
	Flexível [25-60]	7	39%	185	38%	
	Muito Flexível [65-99]	11	61%	257	53%	

Anexo 9

Resultados da FACES IV por curso

		curso																	
		medicina		enfermagem		psicologia		engenharia		desporto		Gestão		letras					
		n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Níveis_caótica	Muito Baixo [10-26]	21	53%	39	51%	77	59%	49	54%	48	59%	19	61%	29	55%				
	Baixo [30-40]	12	30%	25	32%	39	30%	26	29%	22	27%	8	26%	15	28%				
	Moderado [45-60]	6	15%	10	13%	11	8%	14	15%	9	11%	3	10%	7	13%				
	Alto [64-75]	1	3%	3	4%	4	3%	2	2%	3	4%	1	3%	2	4%				
Nivel_comunicação	Muito Alto [80-99]	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%				
	Muito Baixo [10-20]	6	15%	10	13%	11	8%	14	15%	9	11%	3	10%	7	13%				
	Baixo [21-35]	1	3%	4	5%	4	3%	3	3%	1	1%	1	3%	2	4%				
	Moderado [36-60]	6	15%	13	17%	22	17%	14	15%	14	17%	7	23%	10	19%				
Níveis_Satisfação	Alto [61-85]	16	40%	30	39%	54	41%	37	41%	33	40%	12	39%	17	32%				
	Muito Alto [86-99]	11	28%	20	26%	40	31%	23	25%	25	30%	8	26%	17	32%				
	Muito Baixo [10-20]	19	48%	43	56%	60	46%	47	52%	38	46%	15	48%	27	51%				
	Baixo [21-35]	8	20%	15	19%	30	23%	21	23%	19	23%	7	23%	11	21%				
Níveis_Desmembramento	Moderado [36-60]	11	28%	12	16%	25	19%	16	18%	14	17%	4	13%	11	21%				
	Alto [61-85]	2	5%	7	9%	16	12%	7	8%	11	13%	5	16%	4	8%				
	Muito Alto [86-99]	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%				
	Muito Baixo [10-26]	29	74%	57	79%	102	80%	68	76%	61	76%	23	77%	40	80%				
Níveis_Emaranhamento	Baixo [30-40]	9	23%	13	18%	23	18%	19	21%	17	21%	7	23%	8	16%				
	Moderado [45-60]	1	3%	2	3%	3	2%	2	2%	2	3%	0	0%	2	4%				
	Alto [64-75]	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%				
	Muito Alto [80-99]	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%				
Níveis_de_Flexibilidade	Muito Baixo [10-26]	10	25%	25	32%	43	33%	29	32%	29	35%	11	35%	15	28%				
	Baixo [30-40]	23	58%	45	58%	72	55%	52	57%	43	52%	18	58%	30	57%				
	Moderado [45-60]	5	13%	6	8%	13	10%	8	9%	8	10%	1	3%	7	13%				
	Alto [64-75]	2	5%	1	1%	3	2%	2	2%	2	2%	1	3%	1	2%				
Níveis_Rígidez	Muito Alto [80-99]	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%				
	Muito Baixo [10-26]	16	40%	26	34%	38	29%	34	37%	25	30%	10	32%	18	34%				
	Baixo [30-40]	15	38%	36	47%	66	50%	38	42%	40	49%	17	55%	23	43%				
	Moderado [45-60]	8	20%	13	17%	24	18%	17	19%	15	18%	4	13%	10	19%				

	Alto [64-75]	1	3%	2	3%	3	2%	2	2%	2	2%	0	0%	2	4%	
	Muito Alto [80-99]	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	
Niveis_de_coesão	Algo Coesa [10-30]	11	28%	21	27%	29	22%	28	31%	21	26%	7	23%	14	26%	
	Coesa [35-60]	8	20%	17	22%	35	27%	20	22%	22	27%	9	29%	11	21%	,984
	Muito Coesa [69-99]	21	53%	39	51%	67	51%	43	47%	39	48%	15	48%	28	53%	
Niveis_de_Flexibilidade	Ago Flexível [10-20]	6	15%	8	10%	7	5%	10	11%	5	6%	3	10%	6	11%	
	Flexível [25-60]	13	33%	33	43%	52	40%	33	36%	30	37%	12	39%	19	36%	,837
	Muito Flexível [65-99]	21	53%	36	47%	72	55%	48	53%	47	57%	16	52%	28	53%	

Anexo 10

Resultados da FACES IV tipo de ensino

		ensino				
		publica		privado		p
		n	%	n	%	
Niveis_caótica	Muito Baixo [10-26]	239	55%	43	60%	,763
	Baixo [30-40]	126	29%	21	29%	
	Moderado [45-60]	54	12%	6	8%	
	Alto [64-75]	14	3%	2	3%	
Nivel_comunicação	Muito Alto [80-99]	0	0%	0	0%	,737
	Muito Baixo [10-20]	54	12%	6	8%	
	Baixo [21-35]	13	3%	3	4%	
	Moderado [36-60]	75	17%	11	15%	
Niveis_Satisfação	Alto [61-85]	171	39%	28	39%	,721
	Muito Alto [86-99]	120	28%	24	33%	
	Muito Baixo [10-20]	218	50%	31	43%	
	Baixo [21-35]	93	21%	18	25%	
Niveis_Desmembramento	Moderado [36-60]	78	18%	15	21%	,626
	Alto [61-85]	44	10%	8	11%	
	Muito Alto [86-99]	0	0%	0	0%	
	Muito Baixo [10-26]	322	77%	58	82%	
Niveis_Emaranhamento	Baixo [30-40]	85	20%	11	15%	,953
	Moderado [45-60]	10	2%	2	3%	
	Alto [64-75]	0	0%	0	0%	
	Muito Alto [80-99]	0	0%	0	0%	
Niveis_Rígidez	Muito Baixo [10-26]	139	32%	23	32%	,882
	Baixo [30-40]	244	56%	39	54%	
	Moderado [45-60]	40	9%	8	11%	
	Alto [64-75]	10	2%	2	3%	
Niveis_de_coesão	Muito Alto [80-99]	0	0%	0	0%	,561
	Algo Coesa [10-30]	116	27%	15	21%	
	Coesa [35-60]	103	24%	19	26%	
	Muito Coesa [69-99]	214	49%	38	53%	
Niveis_de_Flexibilidade	Ago Flexível [10-20]	41	9%	4	6%	,556
	Flexível [25-60]	164	38%	28	39%	
	Muito Flexível [65-99]	228	53%	40	56%	

ESSS

Anexo 11

Resultados da ESSS por tipo de ensino universitário

Ensino		SA	IN	SF	AS	SSS
Publico	M	44,12	64,24	40,86	70,66	52,44
	DP	13,85	8,38	14,24	16,94	10,54
Privado	M	45,28	64,93	40,98	71,76	53,70
	DP	13,17	8,66	13,92	17,24	9,94

Anexo 12

Resultados da ESSS alunos casados e solteiros

Estado Civil		SA	IN	SF	AS	SSS
Solteiro	M	44,33	64,37	40,87	70,86	52,65
	DP	13,77	8,40	14,23	16,95	10,46
Casado	M	41,14	60,71	41,11	67,61	50,48
	DP	13,30	8,27	14,10	17,00	10,26

Anexo 13

Poster resultados FACESIV

3º CONGRESSO NACIONAL
CONFERÊNCIA DE TENDÊNCIAS
EM PSICOLOGIA
E PSICOPEDAGOGIA

MIGUEL TORGA
INSTITUTO SUPERIOR

PERCEÇÃO DO FUNCIONAMENTO FAMILIAR E DO SUPORTE SOCIAL EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Vitor Arijos¹; Joana Sequeira¹
¹Instituto superior Miguel Torga

INTRODUÇÃO

A entrada no Ensino Superior é vista pela maioria dos jovens estudantes, como uma nova vida com múltiplos desafios a diversos níveis. Perceber-se a possibilidade de construção de novos projetos, amizades e relacionamentos mas também um acréscimo de responsabilidades, de oportunidades de exploração, experimentação e compromissos em várias dimensões (Seco, Pereira, Dias, Casimiro, & Rodrigues, 2006). Esta etapa constitui um desafio particularmente exigente, requerendo que os jovens se confrontem com múltiplas e complexas tarefas. O sucesso e a satisfação académica dependem da forma e do grau em que tais desafios e exigências são ultrapassadas (Chickering & Reisser, 1992; Pascarella & Terenzini, 2005). A família fornece suporte social para as diversas transições vitais que ocorrem ao longo da vida do jovem ou adulto entre elas o ensino superior, a procura de um companheiro, de trabalho, de casa, de novas relações sociais, na velhice, entre outras (Palacios & Rodrigo, 2009). Embora no contexto da família possam ocorrer problemas e conflitos, esta constitui-se também como uma fonte de apoio e de suporte para as dificuldades que ocorrem fora do contexto familiar e um ponto de encontro para tentar resolver tensões acumuladas no seu interior (Alarcão, 2000; Palacios & Rodrigo, 2009). Neste sentido o objetivo deste estudo é analisar a percepção de suporte social e do funcionamento familiar de jovens universitários.

MATERIAIS E MÉTODOS

O protocolo de investigação é composto pela Escala de Avaliação da Flexibilidade e Coesão Familiar (FACES IV), o questionário de dados sócio-demográficos e complementares.

O processo de recolha de dados foi efetuado presencialmente com 505 alunos da Universidade Portuguesa.

Tive uma duração de um ano letivo (2015/2016), tendo início em novembro de 2015 e prolongou-se até maio de 2016.

REFERÊNCIAS

Alarcão, M. (2000). [En] equidade também não é deo científico. Chickering, A. W., & Reisser, L. (1992). Educação em família. Josselyn-Bass. Palacios, J. & Rodrigo, M. J. (1999). La familia como contexto de desarrollo humano. En M. J. Rodrigo y J. Palacios (Coords.), Familia y desarrollo humano (págs. 29-49). Madrid: Narcea editorial.

Palacios, J., & Sequeira, J. (2015). How college affects students (vol. 2). K. A. Pedersen (Ed.). San Francisco, CA: Josselyn-Bass.

Seco, S., Pereira, M., Dias, M., Casimiro, B., & Rodrigues, B. (2006). Estudo da Unidade de Gerenciamento de Atividades Acadêmicas - versão reduzida (224-45) respondida obtida com base numa amostra de alunos do Ensino Superior Portuguesa. In Universidade de Évora (Ed.), II Congresso Nacional de Investigação em Psicologia (pp. 2-18). Évora: Associação Portuguesa de Psicologia. Retrieved from <https://repositorio.uaevora.pt/bitstream/10400/10400/1/INVESTIGACAO%20DE%20VALORACAO%20DO%20VIV%20L.pdf>

RESULTADOS

Os alunos que percebem as suas famílias como mais emaranhadas, desmembradas, rígidas ou cábricas são o que sentem mais baixo suporte social enquanto que estudantes que se sentem satisfeitos com as suas famílias e tem boa estilo de comunicação apresentam valores mais elevados de suporte social. No sentido contrário vêo os que sentem as suas famílias coesas e flexíveis.

		estudantes com amigos	intimidade	comunicação	coesão	apoio social	suporte social
Fam. Emaranhada	Pearson/Correlação	-.067	-.067	-.137	-.207	-.297	-.297
	sig. (2 cateds)	.249	.249	.086	.004	.004	.004
	N	160	160	160	160	160	160
Fam. Desmembrada	Pearson/Correlação	-.022	-.181	-.214	-.308	-.344	-.344
	sig. (2 cateds)	.889	.069	.031	.001	.000	.000
	N	160	160	160	160	160	160
Fam. Rígida	Pearson/Correlação	-.268	-.339	-.291	-.117	-.117	-.117
	sig. (2 cateds)	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	N	160	160	160	160	160	160
Fam. Cábrica	Pearson/Correlação	-.287	-.339	-.339	-.291	-.291	-.291
	sig. (2 cateds)	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	N	160	160	160	160	160	160
Fam. Coesiva	Pearson/Correlação	.413	.361	.332	.237	.237	.237
	sig. (2 cateds)	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	N	160	160	160	160	160	160
Fam. Satisfeita	Pearson/Correlação	-.207	-.331	-.311	-.117	-.117	-.117
	sig. (2 cateds)	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	N	160	160	160	160	160	160
Fam. Coesa	Pearson/Correlação	.388	.339	.314	.237	.237	.237
	sig. (2 cateds)	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	N	160	160	160	160	160	160
Fam. Flexível	Pearson/Correlação	.339	.339	.311	.237	.237	.237
	sig. (2 cateds)	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	N	160	160	160	160	160	160
Satisfeitos	Pearson/Correlação	.317	.331	.311	.237	.237	.237
	sig. (2 cateds)	.000	.000	.000	.000	.000	.000
	N	160	160	160	160	160	160

* Correlações significativas entre 0.01 level (2 cateds)

† Correlações significativas entre 0.05 level (2 cateds)

A percepção de suporte social tem uma relação negativa com o funcionamento familiar emaranhado, desmembrado e cátrico, mas positiva com as restantes